



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS – MARÍLIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LUIZ HENRIQUE CAMPOS PEREIRA

**SORRIA, VOCÊ ESTÁ NA BAHIA: ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS E
NARRATIVAS CONSTRUÍDAS A PARTIR DAS IMAGENS PRODUZIDAS PELOS
TURISTAS PAULISTAS QUE VISITARAM O ARRAIAL D’AJUDA.**

MARÍLIA – SP

2022

LUIZ HENRIQUE CAMPOS PEREIRA

**SORRIA, VOCÊ ESTÁ NA BAHIA: ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS E
NARRATIVAS CONSTRUÍDAS A PARTIR DAS IMAGENS PRODUZIDAS
PELOS TURISTAS PAULISTAS QUE VISITARAM O ARRAIAL D'AJUDA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília, como parte para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Área de concentração: Ciências Sociais

Linha de pesquisa: Cultura, Identidade e Memória.

Orientador (a): Prof. Dr. Paulo Eduardo Teixeira.

MARÍLIA – SP

2022

P436s

Pereira, Luiz Henrique Campos

Sorria, você está na Bahia : estudo das experiências e narrativas construídas a partir das imagens produzidas pelos turistas paulistas que visitaram o Arraial d'Ajuda / Luiz Henrique Campos Pereira. -- Marília, 2022

123 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Orientador: Paulo Eduardo Teixeira

1. Antropologia visual. 2. Fotografia. 3. Turismo. 4. Lazer. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LUIZ HENRIQUE CAMPOS PEREIRA

SORRIA, VOCÊ ESTÁ NA BAHIA: ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS E
NARRATIVAS CONSTRUÍDAS A PARTIR DAS IMAGENS PRODUZIDAS
PELOS TURISTAS PAULISTAS QUE VISITARAM O ARRAIAL D'AJUDA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista –
UNESP – Campus de Marília, como parte para a obtenção do título de Mestre
em Ciências Sociais, na linha de pesquisa Cultura, Identidade e Memória.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____

Professor Doutor Paulo Eduardo Teixeira

Departamento de Ciências Políticas e Econômicas, Universidade Estadual
Paulista – UNESP, Marília.

2º Examinador: _____

Professor Doutor Antônio Mendes da Costa Braga

Departamento de Sociologia e Antropologia, Universidade Estadual Paulista –
UNESP, Marília.

3º Examinador: _____

Professora Doutora Cornelia Eckert

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande
do Sul – UFRGS, Porto Alegre.

Marília, 29 de setembro de 2022.

Os deslocamentos de humanos e não-humanos são parte constitutiva desta pesquisa e diz muito sobre como chego no assunto, afinal diz também sobre mim e como tento ver os afetos das relações. Afetar e ser afetado. Assim, sou grato:

À UNESP, aos funcionários técnico-administrativos e aos terceirizados que prestam seus serviços com maestria na construção de uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

Aos docentes da mesma instituição e tantos outros que pude conhecer no favorecimento de minha trajetória acadêmica.

Ao meu orientador e Professor Doutor Paulo Eduardo Teixeira. Acolhedor e muito paciente com minhas demandas e, sobretudo, sempre como um profissional muito competente na área.

Ao Professor Doutor Antônio Mendes da Costa Braga, querido Toni, que nutro profunda admiração pela sua excelência acadêmica e, também, pela sua sensibilidade em como estabelece suas relações.

À Professora Doutora Cornelia Eckert, querida Chica, que junto de cada um dos integrantes do NAVISUAL/UFGRS apresentaram leituras e visualidades fundamentais para a pesquisa. E, além disso, agradeço também sua capacidade construtiva e a possibilidade de aprender com uma pessoa tão importante do ponto de vista do pensamento social na área da Antropologia Visual.

Aos sete entrevistados que compartilharam de maneira muito generosa suas intimidades visuais, bem como tantas outras pessoas que conheci em Arraial d'Ajuda/BA e contribuíram para a condução desta produção.

À Andréia pelo seu companheirismo ordinário e extraordinário.

Aos amigos e às amigas que nomeamos nos olhares, abraços e pensamentos e nunca em um texto como este, até mesmo para não cometer alguma injustiça.

Ao André, à Camila e ao Gael, que são um presente e sempre estiveram presentes comigo.

Aos meus pais, Luiz Cesar e Neide, que assentaram o caminho desde sempre e pelo o qual não teria feito sem vocês.

E, por fim, reverberando uma fala já utilizada em outros momentos, mas nem por isso menos oportuna, agradeço continuamente a toda gente na gente.

Resumo

Ao longo de uma viagem de lazer parte da atividade turística e parte da atividade fotográfica se vinculam de maneira contínua e dialética. Dessa forma, a maneira como determinados atores têm mobilizado essas duas atividades na esfera do lazer pode se apresentar enquanto latente movimento para se pensar como esse fenômeno tem sido experimentado e narrado. Como afirma Susan Sontag (2004), mesmo em um contexto de onipresença de imagens, viajar sem uma câmera, para captar os momentos da viagem, pode não parecer um ato razoável. E é assim, que a agência dos atores humanos e não-humanos – como é o caso de imagens fotográficas – são relacionadas em um aspecto dialético entre coerções estruturais e a ação social dos atores, Ortnner (2006). Isto é, um movimento constante de agências que avaliam a condição específica do turista paulista que visita e fotografa Arraial d'Ajuda, distrito de Porto Seguro/BA. Para isso, articulo uma etnografia que utiliza o que Rocha e Eckert (2015) consideram enquanto possibilidades de trabalho com e por imagens. Levando em conta o deslocamento do turista paulista, apresento um pensamento ficcional em associação com pranchas temáticas – inspiradas em Bateson e Mead (1942) – para avaliar a condição desse agente em Arraial d'Ajuda. Um esforço que, como afirma Schwarcz (2014), reconhece a importância das imagens para compreensão do contexto e, ao mesmo tempo, estimula a reflexão sobre a condição da alteridade.

Palavras-chave: Fotografia. Turismo. Agência. Antropologia Visual. Etnoficção.

Abstract

During a leisure trip, part of the tourist activity and part of the photographic activity are linked in a continuous and dialectical way. So, the way in which certain actors have mobilized these two activities in the leisure sphere can present itself as a latent movement to think about how this phenomenon has been experienced and narrated. As Susan Sontag (2004) claims, even in a context of omnipresence of images, traveling without a camera, to take the moments of the journey, may not seem like a reasonable act. And this is how the agency of human and non-human actors – as is the case with photographic images – are related in a dialectical aspect between coercive structures and the social action of actors, Ortner (2006). That is, a constant movement of agencies that assess the specific condition of paulistas tourists who visit and photograph Arraial d'Ajuda, Porto Seguro/BA. For this, I articulate an ethnography that uses what Rocha and Eckert (2015) consider as possibilities for working with and through images. Considering the displacement of paulistas tourists, I present a fictional thought in association with thematical boards – inspired by Bateson and Mead (1942) – to assess the condition of this agent in Arraial d'Ajuda. An effort that, as stated by Schwarcz (2014), recognizes the importance of images for understanding the context and, at the same time, stimulates reflection on the condition of otherness.

Keywords: Photography. Tourism. Agency. Visual Anthropology. Ethnofiction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – 1.1/8	24
Figura 2 – 1.2/8	25
Figura 3 – 1.3/8	26
Figura 4 – 1.4/8	28
Figura 5 – 1.5/8	28
Figura 6 – 1.6/8	29
Figura 7 – 1.7/8	30
Figura 8 – 1.8/8	31
Figura 9 – 2.1/2	33
Figura 10 – 2.2/2	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
O QUE VOCÊ FAZ DA VIDA?	10
O QUE EU E OS TURISTAS FAZEMOS NAS VIAGENS DE LAZER?	17
REVELANDO ALGUMAS IMAGENS	33
ARRAIAL D'AJUDA	42
O LUGAR	42
DE ONDE VOCÊ É?	47
TURISTAS PAULISTAS E IMAGENS FOTOGRÁFICAS	49
TIRANDO FOTOS. OU, TIRA PÕE E DEIXA FICAR	55
AS ENTREVISTAS	55
ETNOFICCAÇÃO SOBRE ARRAIAL D'IMAGENS	62
AGENTE 1	67
AGENTE 2	76
AGENTE 3	85
AGENTE 4	97
AGENTE 5	100
AGENTE 6	106
AGENTE 7	113
CONSIDERAÇÃO FINAIS	116
BIBLIOGRAFIA	119

INTRODUÇÃO

O QUE VOCÊ FAZ DA VIDA?

O QUE VOCÊ FAZ DA VIDA?

Sim, o que você faz? Talvez essa não seja a primeira vez que tenha lidado com essa pergunta e por esse motivo este estudo justifica o caminho aqui trilhado. Afinal, a reflexão sobre a maneira como essa pergunta é respondida ou como é esperada que seja respondida nos leva a pensar quais as coisas que dizemos que fazemos e quais as coisas que fazemos da vida.

Se em conversas informais ou formais consideramos como razoável responder tal questionamento pela ideia de atividades úteis em que o trabalho é apresentado com centralidade, logo é preciso lidar com a exigência de outra questão: você é o seu trabalho?

Nas sociedades pré-industriais a classe senhorial – sobretudo, em países centrais do capitalismo – valia-se, como afirma Barreto (1979), do ócio como uma atividade não produtiva e encarava a não necessidade de trabalhar como digno de si e de privilégio em relação às outras classes. Contudo, no modo capitalista o trabalho é tido como uma atividade honrosa e central em toda a vida social, impulsionado, inclusive, pelos impactos das reformas protestantes. Assim, a utilidade social de alguém é comumente medida e atribuída pelo trabalho exercido, afinal tal exigência utilitária assenta o próprio modo de produção capitalista.

Somos conduzidos para a convicção de que a expressão e a identificação pelo trabalho são adequadas para as perguntas levantadas anteriormente. É algo que se diz fazer e que se faz. Todavia, é suficientemente possível crer que a realização humana está assentada na ideia exclusiva de trabalho? Sobre isso, olhemos para os usuários de internet que utilizam redes sociais – sendo essa uma atividade em que 70,3% da população brasileira tem acesso (150 milhões de pessoas) e que passam em média 03 horas e 42 minutos conectados diariamente¹. Não é preciso grande esforço para identificar

1 Se observamos na mesma pesquisa os usuários de internet no Brasil chegaremos ao número de 75% da população (160 milhões de pessoas) e uma média de 10 horas e 08

que essa atividade tem sido utilizada na vida cotidiana dentro da esfera do trabalho, contudo ao olharmos para as quatro plataformas mais utilizadas para interação – Youtube (por 96,4% dos usuários de internet), WhatsApp (por 91,7% dos usuários de internet), Facebook (por 89,8% dos usuários de internet) e Instagram (por 86,3% dos usuários de internet) – percebemos possibilidades de comportamentos múltiplos nas redes.

Por exemplo, em pesquisa do Instituto Qualibest (setembro 2019) ao comparar o comportamento dos usuários no Facebook e no Instagram foi identificado que as principais atividades nessas redes são: publicações de amigos e familiares, informações de assuntos interessantes, páginas de humor, perfis destinados a promoções, perfis de séries, filmes e programas de TV. Em outro exemplo, o Instagram permite que haja a busca por tags, ou seja, a busca por assuntos que possam ser do interesse de uma pessoa desde que a publicação faça menção utilizando palavras-chaves na respectiva postagem. Dessa forma, o cenário de algumas dessas palavras é²:

- “#lavar” com 158 mil publicações;
- “#faxina” com 562 mil publicações;
- “#jantar” com 3,1 milhões de publicações;
- “#lazer” com 3,6 milhões de publicações;
- “#espiritualidade” com 4,7 milhões de publicações;
- “#almoço” com 4,8 milhões de publicações;
- “#igreja” com 5,7 milhões de publicações;
- “#corrida” com 6,2 milhões de publicações;
- “#férias” com 6,9 milhões de publicações;
- “#trabalho” com 9,3 milhões de publicações;
- “#cerveja” com 9,1 milhões de publicações;
- “#quarentena” com 13,8 milhões de publicações;
- “#viagem” com 14,3 milhões de publicações;
- “#futebol” com 14,4 milhões de publicações;

minutos de uso diário. DataReportal (2021), “Digital 2021 Brazil,” Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2021-brazil>>. Acesso em: 01/07/2021.

2 Acesso em: 31/07/2021.

- “#ferias” com 15,9 milhões de publicações;
- “#família” com 16,7 milhões de publicações;
- “#academia” com 17,8 milhões de publicações;
- “#netflix” com 28,4 milhões de publicações;
- “#praia” com 31,4 milhões de publicações;
- “#sol” com 42,4 milhões de publicações;
- “#amigos” com 49,4 milhões de publicações;
- “#familia” com 84,7 milhões de publicações;

Esse cenário quer dizer que as pessoas passam mais tempo na praia, viajando ou de férias do que trabalhando? Não, mas isso certamente atravessa maneiras como as pessoas buscam apresentar a si mesmas reelaborando o significado do que se fala e do que se faz da vida, afinal as experiências e narrativas de muitas outras atividades excedem a noção exclusiva de compreensão de si pelo trabalho. A esse respeito, Krippendorf (2009) destaca que, se por uma lado, a exigência utilitarista marca um período com aumento de salários e redução do tempo de trabalho tendo como consequência bem-estar material, por outro lado, há desafios no contexto da vida social, afinal há a perda da responsabilidade e do interesse pelo trabalho. Em outros termos, a produção de massa e a divisão social do trabalho colocam a necessidade do uso de técnicas e estímulo de modernização da produção, determinando o trabalho especializado que coloca o sujeito diante de uma atividade que lhe é estranha. Além disso, o tempo livre fica cada vez mais dependente e influenciado pelo trabalho. O trabalho e o tempo livre são articulados como fatores de estresses e tédio, haja vista que o mundo do trabalho é consideravelmente tecnicista, especializado e contempla situações de subemprego. É por isso, inclusive, que os sujeitos se veem como úteis pelo trabalho, mas tendem a depositar suas compensações da vida profissional no tempo livre. Se os ritmos de trabalho são alheios aos sujeitos, o tempo livre ocupado enquanto lazer tende a prescindir as atividades de fruição. Porém, é importante notar que formas criativas de lazer desapareceram da vida moderna. O hobby, por exemplo, ainda se faz presente na vida ordinária de determinados grupos que tem acesso aos meios de usufruto - a prática

fotográfica enquanto hobby é facilmente inserida num mercado de altos custos.

E é nesse lazer que a exploração capitalista cria mercadorias para e do entretenimento. Ou seja, Lacombe (2007, p. 162):

A necessidade de representação que a indústria cultural supre esconde uma outra necessidade. Nos termos de Lefebvre (1958, 1962), uma necessidade real, de sonho, de fruição criativa, de apropriação da vida, de aventura, enfim de realização da condição humana. Os produtos da indústria cultural seriam lidos como expressões condensadas das necessidades cotidianas, portanto um dado para o estudo da própria cotidianidade (Lefebvre, 1958).

O consumo favorecido no lazer cria, portanto, cenários para diluições das tensões e contradições próprias do modo de produção capitalista. Conforme Barreto (1979), tais cenários são apenas possíveis na medida em que há a separação da casa e do trabalho, dando as vestes para um lazer que não se desvincula do trabalho, mas o está intimamente vinculado.

Embora o tempo livre apareça como possibilidade de circunstanciais populações dos países centrais do capitalismo, é importante, desde já, salientar como esse tempo livre tem sido convertido em lazer e como esse lazer está afinado com a ampliação da sociedade de consumo que ferve em meados do século XX e expande, com suas especificidades, para além da Europa.

Krippendorf (2009) afirma que as necessidades dos sujeitos são apresentadas de formas contraditórias: trabalho x descanso; liberdade x obrigações; esforço x repouso.

De um lado, o homem está sujeito aos estímulos sob a forma da 'corrida contra o relógio', do barulho e do estresse. De outro, tantas coisas são monótonas, sem atrativos e iguais: a moradia, os arredores, o trajeto para o local de trabalho, o trabalho em si e até mesmo o lazer diário. (KRIPPENDORF, 2009, p. 34).

É por isso que a viagem ganha grandes expectativas da parte de quem lhe faz uso, afinal há muitos desejos e, ao mesmo tempo, possibilidades de suportar um cotidiano – que não escapa no deslocamento, ainda mais nas viagens de lazer aqui estudadas. Contudo, a crítica atravessa a sua relevância

identificando dentro da ação social desse tipo de prática as contradições e as possibilidades de realizações das existências humanas

“Trabalhar para viver” coloca o lazer não como o momento do reparo, mas cria expectativas e, além disso, experiências e narrativas do que se fala que se faz da vida e o que se faz da vida. Um fazer, preferencialmente, que ocorre no exterior de casa³, Krippendorf (2009, p. 35) afirma sobre isso, “trabalhar e morar aqui – descansar além” e, mais, agora esperar, e experienciar e narrar o além. Note que não há uma exclusão do ambiente residencial, mas uma verificação de como a viagem de lazer é uma norma social que contrasta com as condições do interno das residências para a prática do lazer ou do tempo livre como um todo. Afinal, criamos mais imagens de uma viagem de férias do que de condições de trabalho ou de moradia adequados. Além disso, não nos esqueçamos de pontuar que esse movimento decorre não de uma única força coercitiva estrutural, sobre isso, pensemos a organização do trabalho com férias anuais ou até no papel da propaganda, inclusive de um turismo de massa. Sendo assim:

A necessidade de relaxamento é comercializada e transformada em viagens de todas as espécies, de acordo com as regras da arte do marketing. As técnicas utilizadas são as mesmas para a venda de aspiradores de pó, automóveis, produtos de limpeza e outros bens de consumo. No entanto, dado o fato de que as operadoras de viagens tiram partido do sentimento nostálgico e dos sonhos e comercializam as paisagens, os seres e as culturas seria o caso de pensarmos que elas detêm uma responsabilidade incomparavelmente maior. Acontece que elas não tem consciência desse fato, ou o ignoram por completo. (Krippendorf, 2009, p. 39).

Não é preciso convencer uma pessoa de que é necessário ir além, mas somente sinalizar ofertas de sonhos que serão escolhidos como próximo destino turístico.

É fundamental entender que a organização da vida cotidiana, conforme afirma Lefebvre (1991), na sua tripla dimensão (trabalho, lazer e vida privada) aponta para a associação de suas esferas, mas especialmente para o presente

3 Certamente a pandemia de Covid-19 impacta as ações e os desejos das pessoas quanto ao relacionamento com o “fora” e com o “dentro”, mas é fundamental observar como o “fora” não perde espaço no imaginário e como o “dentro” depende da capacidade de alguns privilegiados equiparem suas residências e assim ocuparem o tempo.

trabalho para a associação de que o tempo livre é ocupado como lazer, afinal o além dessa pesquisa estará preocupado em pensar parte da atividade turística com as fotografias produzidas por seus agentes.

Lacombe (2007) informa que tanto a ampliação do consumo na esfera do lazer e as dificuldades decorrentes da vida familiar e doméstica estão intrinsicamente ligados aos dilemas do trabalho, afinal o que realizar no tempo livre que aumenta, sobretudo, nos países centrais do capitalismo que se inter-relacionam com os dilemas do mundo do trabalho. Num período em que uma das maiores conquistas dos movimentos sociais é a diminuição das horas de trabalho, coloca-se em questão, o que fazer com a ampliação do tempo livre. Há para Brambatti (2015) uma ética do lazer que busca, por conta da redução do tempo de produção, estimular um tempo de consumo, no caso tempo de lazer.

A vida cotidiana como unidade das esferas do trabalho, da vida privada e do lazer é realizada na modernidade pelas contradições que reforçam a importância política do cotidiano no desenvolvimento histórico do momento em que vivemos. Para isso, levarei em conta as motivações, as conduções e as interações estabelecidas por turistas paulistas e as imagens fotográficas que os citados produzem ao longo de uma viagem de lazer realizada em Arraial D'Ajuda, distrito de Porto Seguro, Estado da Bahia. Experiências e narrativas são agenciadas por turistas e por imagens fotográficas produzidas numa viagem de lazer. Como esse contexto pode nos ajudar a pensar sobre o que é feito ou deixado de fazer da ou com a vida é o que singelamente tentarei pontuar aqui.

O “direito às férias” nos permite pensar, portanto, numa relação associativa lazer-além-turismo. Ou seja, nas próximas férias, para você leitor, qual o seu destino turístico? Ou ainda, no próximo feriado, para você leitor, você fica por aqui mesmo?

Brambatti (2015), ao analisar a presença de atividades para o consumo do tempo na sociedade capitalista, afirma que uma ética do lazer é estabelecida como um movimento que tende equacionar as exigências utilitárias com as exigências do desinteresse, pois mesmo numa sociedade organizada pelas relações de produção há a necessidade de tempo e condições de consumo, inclusive elemento que fomentaria a produção em

massa. Tão logo, Dumazedier (1979) sinaliza que os desdobramentos da redução das horas de trabalho no desenvolvimento da sociedade capitalista colocam o tempo livre como um elemento político notório, mas que não pressupõe, por exemplo, atividades sócio-políticas numa usual associação com o lazer. No tempo liberado há quem busque por um trabalho de complementação, quem realize as atividades domésticas ou até busque desenvolver aspectos espirituais, contudo, o protagonista do referente tempo acaba sendo o lazer – momento privilegiado para a ocorrência do consumo.

Para compreender como o tempo livre é convertido em lazer, Dumazedier (1979) considera que é fundamental relacionar o desenvolvimento das forças produtivas considerando o componente tecnológico-econômico e as conformações cotidianas do componente ético-social com permissividade do controle social pelas instituições básicas da sociedade (famílias, sócio-espirituais e sócio-políticas) e ação social dos agentes, de maneira que possuir tempo e gozá-lo passa com maior ênfase pelo crivo de demandas individuais. Contudo, é importante salientar que a multiplicidade heterogênea de opções possa surgir com sugestões consequentes da ampliação de repertórios individuais. O lazer permanece fortemente influenciado pela dinâmica de um mercado de consumo – o que evoca a reflexão em torno do lazer como uma realização limitada e ilusória na medida em que há uma relação tensa entre expressões individuais e determinações sociais que orienta para a vida de parâmetros das ofertas do consumo.

De qualquer forma, o que é afirmado aqui é que a ética do lazer também condiciona e é recondicionada por exigências da utilidade social e das demandas individuais, e que enquanto composições da cultura vivida contrastam com as esferas das obrigações cotidianas. O que um dia já foi perda tempo, hoje pode ser a maneira como a vida é ganha, expressa e realizada – das fotografias cotidianas às viagens de lazer, ou até suas intersecções. Uma vida de aquisições, que incluem objetos, mas também visualidades e audições. Sobre isso, o presente estudo dedica a reflexão sobre o que as pessoas fazem da vida vinculando a produção e consumo de imagens em viagens de lazer. Essa representação é caracterizada pela onipresença de fotografias num mundo cheio de imagens, de forma que produzir imagens é parte do que fazemos da vida, mas, além disso, cabe o questionamento sobre

o que narramos que fazemos da vida nessa prática, sobretudo, no tempo livre. O que a experiência faz com o registro fotográfico? Talvez no registro estejam situações que só um narrador consegue transitar com os significados visíveis e invisíveis por conta de sua experiência. Mas, agora, o que o registro fotográfico pode fazer com a experiência? Talvez estabelecer semelhança com a própria experiência? O fato é que numa viagem de lazer, por exemplo, nos deslocamos acompanhados de uma câmera, caso contrário parece não haver sentido no deslocamento marcado por uma limitação de dias.

O QUE EU E OS TURISTAS FAZEMOS NAS VIAGENS DE LAZER?

Imagine o leitor que, de repente, desembarca sozinho numa praia tropical, perto de uma aldeia nativa, rodeado pelo seu material, enquanto a lancha ou pequena baleeira que o trouxe navega até desaparecer de vista. Uma vez que se instalou na vizinhança de um homem branco, comerciante ou missionário, não tem nada a fazer senão começar imediatamente o seu trabalho etnográfico. (MALINOWSKI, 1984, p. 19).

O que o trecho acima lhe suscita? Essa experiência pode ser simulada por turistas que estejam na cidade de Porto Seguro/BA e desejam visitar o distrito de Arraial D'Ajuda. Acrescido os custos que o permitiram chegar na cidade, a travessia do rio Buranhém caso feita à pé e de balsa lhe custará apenas R\$ 4,50 da própria travessia, mais uns R\$ 3,50 da van⁴ que te levará no caminho de 4 km até o centro de Arraial D'Ajuda (ou até a praça da igreja ou o seu primeiro ponto turístico). Ah, mas lembre-se, se isso lhe causar atração, também pode soar para outras pessoas o que, por sua vez, te dará o alento de desembarcar no distrito com praias tropicais com uma pequena ou grande aglomeração de pessoas, dependendo do período do ano em que isso ocorre.

Compartilho da preocupação de Dumazedier (1979) em pensar como o tempo livre tem sido preenchido com atividades de lazer. Faço isso considerando não só que parte da atividade turística e que parte da atividade fotográfica compõem a esfera do lazer, mas como podem se vincular de maneira contínua e dialética ao longo de uma viagem. Tal associação passa pelo desafio de identificar tais atividades como lugares privilegiados de

4 Valores levantados durante viagem em 2018.

consumo. Ambas não são apenas experiências da modernidade, mas também acabam por influenciar de maneira decisiva o desenvolvimento da vida social. Afinal, o consumo de imagens presente no turismo de massas, que acompanha a cultura de consumo de massas, também se apoiam numa experiência do indivíduo. Considera-se, portanto, a exploração capitalista do lazer na sua forma de mercadoria de entretenimento e a busca do indivíduo por afirmações.

O turismo enquanto uma condição moderna e parte de reflexos das nossas sociedades contemporâneas clamam pela necessidade de estudo da atividade a partir das práticas turísticas, (GUIMARÃES, 2006). Práticas que exigem, além de estratégias interdisciplinares, a compreensão histórica de um desenvolvimento estimulado nas sociedades industriais a partir de metade do século XX e que segue até suas apresentações contemporâneas⁵. O turismo moderno, apesar de marcado pelo deslocamento da viagem, não é homogêneo. Lembremos, portanto, que nem toda viagem é turística. Dessa forma, é importante salientar que a própria concepção de deslocamento humano – seja ele físico ou não – precede o turismo moderno e compõe uma condição humana que extrapola necessidades de sobrevivência. Octavio Ianni (2000) aponta a viagem em diferentes grupos como elemento que dissolve e recria fronteiras de modo que singulariza e universaliza a experiência relacional de descoberta entre o “outro” e o “eu”. Há, portanto, de um lado, diferenças e singularidades e, do mesmo lado, semelhanças e continuidades.

As referências de uma “indústria do turismo” não apenas apoiam o modo de produção capitalista no desenvolvimento da indústria, mas também exigem uma reflexão sobre como esse processo se inscreve no turista e suas atividades – ainda que seu esforço de consumo tento por vezes um afastamento dessa condição social. Benjamin (2012) já descreve um século XIX em uma Europa que já lida com intensos deslocamentos de mercadorias e pessoas em torno de tais mercadorias influenciadas por dinâmicas neocoloniais e que, por sua vez, são possíveis considerando o desenvolvimento material do momento. Sobre isso, podemos destacar as exposições universais com forte apelo popular ou ainda as passagens que

5 Sobre isso ver (GUIMARÃES, 2006).

abrigam galerias formando centro comerciais de mercadorias de luxo. Ou ainda, as ações de Thomas Cook (1808-1892) que utilizava a crescente no transporte ferroviário para estimular o turismo com viagens e tours para diferentes classes sociais e com uma notável presença feminina, uma vez que Urry (1996) afirma uma possibilidade de viagem em que mulheres poderiam fazê-la sem acompanhantes. De qualquer forma, o percurso traçado aqui traz a intenção de sinalizar uma preocupação legítima para com o turismo e o turista na medida em que todo esse processo moderno é analisado:

O turismo como um fenômeno moderno também pode ser sinalizado a partir da própria palavra “turismo” e de sua origem. Conforme citado anteriormente (Enzensberger), as palavras “turismo” e “turista” aparecem em dicionários europeus, no início do século XIX. A palavra “turismo” tem raiz no inglês *tour*, conforme Sousa (1994), que cita que, no Oxford Reference Dictionary, *tour* significa “[...] prazer de viajar através de um país ou povo, visitando lugares ou coisa de interesse [tradução nossa]”. A origem latina seria retomada no francês, referindo-se a uma atividade que envolve uma classe social “dando voltas” em distintos locais geográficos. A etimologia de “turismo” e “turista”, de acordo com Sousa, tem vínculos com o latim, o hebreu e o francês, este através de palavra associada ao transporte inglês. (GUIMARÃES, 2006, p. 50).

E, continua

Boorstin (1992) resgata a origem da palavra “viagem”, diferenciando o viajante do turista. Na origem, a palavra “viagem”, em inglês, “*travel*”, significa (na forma do inglês antigo) o mesmo que trabalho, problema ou tormenta. Na palavra em francês, *travail*, derivada de uma popular palavra latina – “*trepalium*”, a palavra “viagem”, tem sua origem associada a um instrumento de tortura. Nesse sentido, *travel* implicava em algo laborioso e, desse modo, o viajante era um homem ativo, laborioso, que “passava trabalho”, como se diz no senso comum. No século XIX, passou-se a usar, no inglês, a palavra *tourist*, que, no dicionário norte-americano contemporâneo, se refere a pessoa que viaja com prazer, ou por prazer. A palavra deriva do latim e do grego, em particular. (GUIMARÃES, 2006, p. 50).

Daqui a prática turística é reconhecida em um processo histórico que afirma a importância de entender as condições de mobilidade e fluxos considerando relações marcadas, também, no seu âmbito espacial. Isto é,

mesmo se olharmos para as chamadas “cidades turísticas” nem sempre as fronteiras sobre o que é turismo ou não, ou ainda, quem é turista ou não são demarcadas, afinal os fluxos de pessoas e coisas nem sempre apresentam traçados evidentes. De qualquer forma, soa cada vez mais necessário olhar para a prática em uma perspectiva acadêmica que assuma seu prestígio não apenas num viés técnico e econômico, mas como importante elemento da vida social em que as pessoas executam suas condições humanas.

Jost Krippendorf (2009), em 1985, fez uma importante pesquisa sobre as principais atividades praticadas por turistas, dentre as quais se destacam os passeios, as excursões pelas redondezas, o descansar e o tirar fotografias/filmar. Seus estudos não apenas destacam a centralidade do turista nas viagens turísticas, como também assinalam um desdobramento importante sobre sua atuação: a contradição presente entre o que motiva as viagens dos turistas e o comportamento que assumem na viagem. Isto é,

Os especialistas muitas vezes se surpreendem com a defasagem que parece existir entre as motivações e o comportamento real do viajante. O turista pretende buscar a calma, a mudança e o anticotidiano, mas nós o encontramos no meio da multidão, nos locais de veraneio cheios de concreto, nas regiões desbravadas pela civilização turística, numa atmosfera artificial digna de uma Disneylândia vivendo situações que, por vezes, são mais confusas, antissociais, estressantes e constrangedoras do que em seu ambiente habitual. (KRIPPENDORF, 2009, p. 51).

Tão logo, parece razoável não apenas estimular os estudos sobre turistas, bem como avaliar as representações que os mesmos criam de si – e não apenas uma figura supostamente homogênea utilizada como recurso para estudos acadêmicos. Sendo assim, o estudo da prática turística se norteia para elucidar possíveis vínculos e expressões conduzindo ao diálogo crítico das articulações e disputas que determinados atores estabelecem. Para o esforço de pensar essas dimensões interativas e improvisadas que geram relações assimétricas, me apoio, portanto, na produção imagética dos turistas paulistas no decorrer de suas viagens, tomando nota da ação social destes, da ação social das imagens, bem como das relações que essas ações podem fomentar com a ação social dos turistas de outras localidades e a ação social dos

trabalhadores de Arraial D'Ajuda vinculados diretamente com a atividade turística no distrito.

Ainda que seja relevante considerar, por exemplo, o que Brambatti (2015) afirma em relação à transformação de parcela do tempo livre em atividades de lazer, no qual se evidenciam lugares preparados para a recepção de visitantes, por outro lado, não devemos anunciar tão somente o marketing da indústria do lazer como responsável por manipulações e gerador de necessidades – nesse caso, desconsiderando o próprio turista e, inclusive, a agência das imagens produzidas. Portanto, associações entre noções da experiência vivida e o pensamento e as atitudes políticas dos turistas podem ser instigantes, como sugere Pavez (2015), para a compreensão de um padrão geral de conjunto de representações, valores, crenças e suas próprias experiências.

O turista enquanto parte de um contexto êmico diz respeito sobre agentes que deslocam no espaço físico de maneira diferente, por exemplo, do que os migrantes, afinal afirma Guimarães (2006) que o turista além de sua demarcação para o local de origem vincula seu “ciclo” de mobilidade como parte de escapismos momentâneos – ainda que essa tentativa não seja executada de maneira completamente apartada de seu ponto de origem. De qualquer forma, é importante ressaltar que tal categoria é construída em duas vias relacionais. Isto é, se há o turista, há o não turista, e, além disso, o turista enquanto tal é construído pela concepção de outros agentes que não só o próprio – a considerar outros turistas, mediadores turísticos no local visitado, moradores do local visitado ou até agentes externos do circuito turístico e que interagem com tal tipo de atividade. Como sinaliza Rufino (2006), a viagem turística, portanto, exige uma reflexão sobre estranhamento e familiaridade. Krippendorf (1989) ainda lembra que ao pagar por sua viagem, o turista tende para a permissividade, afinal ele estaria supostamente livre de condicionantes morais de sua casa, ou ainda, cotidiano. Sobre isso:

Este é um livro sobre o prazer, as férias, o turismo e as viagens, sobre como e por que, durante breve períodos, as pessoas deixam seus lugares normais de trabalho e de moradia. Ele se

refere ao consumo de bens e serviços que, em certo sentido, são desnecessários. São consumidos porque geram supostamente experiências prazerosas, diferentes daquelas com que nos deparamos na vida cotidiana. E, no entanto, pelo menos parte dessas experiências consiste em lançar um olhar ou encarar um conjunto de diferentes cenários, paisagens ou vistas de cidades que se situam fora daquilo que, para nós, é comum (Urry, 2001, p. 15)

Ao considerar a ação social dos turistas paulistas e das imagens permite-se reconhecer uma maneira de pensar o mundo, mas também nos conduz à possibilidade de produzir uma crítica das articulações e disputas que determinados atores sociais estabelecem, bem como do estudo em torno da noção da transculturação enquanto fenômeno da zona de contato por meio dessas agências. Isto é, se para Pratt (1999) a zona de contato é caracterizada como os espaços sociais em que culturas díspares se entrelaçam numa relação assimétrica, a transculturação permite pensar sobre como sujeitos anteriormente separados por descontinuidades entram em contato uns com os outros e estabelecem relações contínuas.

Ainda que os sujeitos se constituam em termos da presença comum, interação, entendimentos e práticas interligadas dentro de relações assimétricas é sobre o movimento estimulado pelo visitante que busco uma análise, afinal há um modo de experiência e narrativa visual, produzido coletivamente por esses visitantes, que diz respeito à representação do que é Arraial D'Ajuda. Por outro lado, vale destacar, que há um aspecto intervalar desse processo que aponta para possibilidade de descompasso entre as intenções da viagem e o que é realmente produzido durante a viagem – no caso, as imagens – mostrando que nem sempre se mantém o controle sobre esse “encontro cultural”. As imagens nem sempre podem ser controladas de forma absoluta, afinal mesmo em meio a convenções há agência (SCHWARCZ, 2014). De qualquer forma, o que se pretende afirmar, portanto, é que essas múltiplas imagens produzidas se comportam como um importante elemento da transculturação. Mas, afinal, de quais imagens trataremos?

Após a entrega do Trabalho de Conclusão de Curso sob orientação da Professora Doutora Thais Regina Pavez, comecei a pensar sobre como redimensionar a reflexão sobre parte da atividade turística e parte da atividade fotográfica para além dos países centrais do capitalismo, considerando a ação social dos possíveis turistas que seriam abordados e, sobretudo, levando em conta as diferentes conformações das atividades que não encerram seus desenvolvimentos na segunda metade do século XX. Sobre isso, um momento decisivo para mim ocorre em uma conversa na sala do Professor Doutor Antônio Mendes da Costa Braga – ou, Toni –, lá conversamos sobre as possibilidades de desenhar a pesquisa e em uma fala o Toni diz-me algo como: “Luiz, você precisa ir no campo. Pegue sua roupa de antropólogo e vá! Vá para Porto Seguro!”. Naquele momento, foi o conselho mais sensível que pude receber. Talvez algum leitor possa questionar sobre como eu não teria pensado em algo tão fulcral assim. Pois é, estava tão concentrado na ação produtiva do turista (no caso, suas imagens) que cheguei a considerar uma empreitada somente em um momento a posteriori, afinal não encontraria o turista da pesquisa em qualquer momento que fosse – para alguns, ser turista é um fenômeno que ocorre uma ou duas vezes no ano e dura os dias das férias ou até quando o orçamento permite. De qualquer forma, o que ocorreu é que acatei o conselho do Toni. Comprei as passagens, arrumei minha mala, peguei um caderno de anotações – não sentia que já podia denominá-lo como caderno de campo –, minha câmera e fui. Alias, fomos. Eu e a Andréia, uma pessoa pela qual tenho profunda admiração e compartilhou muitas reflexões comigo durante esse processo.

Durante a viagem circulei entre os roteiros turísticos que os mapas da cidade oferecem na busca pelos turistas, e evitando mediar minha visão pela câmera fotográfica até para não estimular associações dos agentes quanto à ideia de que eu também fosse um turista. Fracassei diversas vezes. Notei que o outro que procurava também estabelecia condições na minha própria posição e postura no campo. Com o tempo percebi que tal cenário foi oportuno para alguns diálogos em torno de nuances da viagem com diversos agentes – inclusive, turistas. Porém, continuamente criava questionamentos: sou um pesquisador ou um turista? Estou no lazer ou no trabalho? Devo ou não produzir imagens? Se sim, sairei com imagens semelhantes das pessoas que

conversei ou que observei? Ou ainda, seriam imagens para um blog de viagem?

É daí que inicio um movimento experimental para pensar a utilização das imagens apontando a minha câmera para os turistas em pontos turísticos da cidade no anseio de devolver o que estava sendo tirado pelos turistas – fotos? Além disso, informo que profundamente estimulado pela reflexão, como afirma Rocha e Eckert (2020), da desnaturalização em torno posição privilegiada da cultura letrada no ambiente acadêmico e num percurso decolonial de saberes nesse cenário proponho um forma de elaborar as legendas que não estimule qualquer tipo de leitura de imagens viciada a partir das legendas. Sendo assim, Todos os títulos seguem uma organização numérica em que o primeiro número faz referência à série e, tão logo, as frações dizem respeito à ordem em que cada figura está disposta em relação à quantidade total de figuras da série. Por exemplo, “1.2/8” significa que se trata da segunda figura, dentre as oito, da série número um.

Figura 1 – 1.1/8



Fonte: Imagem do autor.

Tirar fotos dos turistas tirando fotos sem quaisquer suspeitas só podia ser nos pontos dedicados para receber turistas, e, também, suas fotos. Fui

para um dos pontos do centro histórico de Porto Seguro e por lá fiquei observando o movimento. Fotografias não faltaram, mas sempre com a mira para os Reis, as Rainhas e a natureza, mas nunca para os naturais⁶. Nenhum visitado, apenas visitantes focando e sendo focalizados.

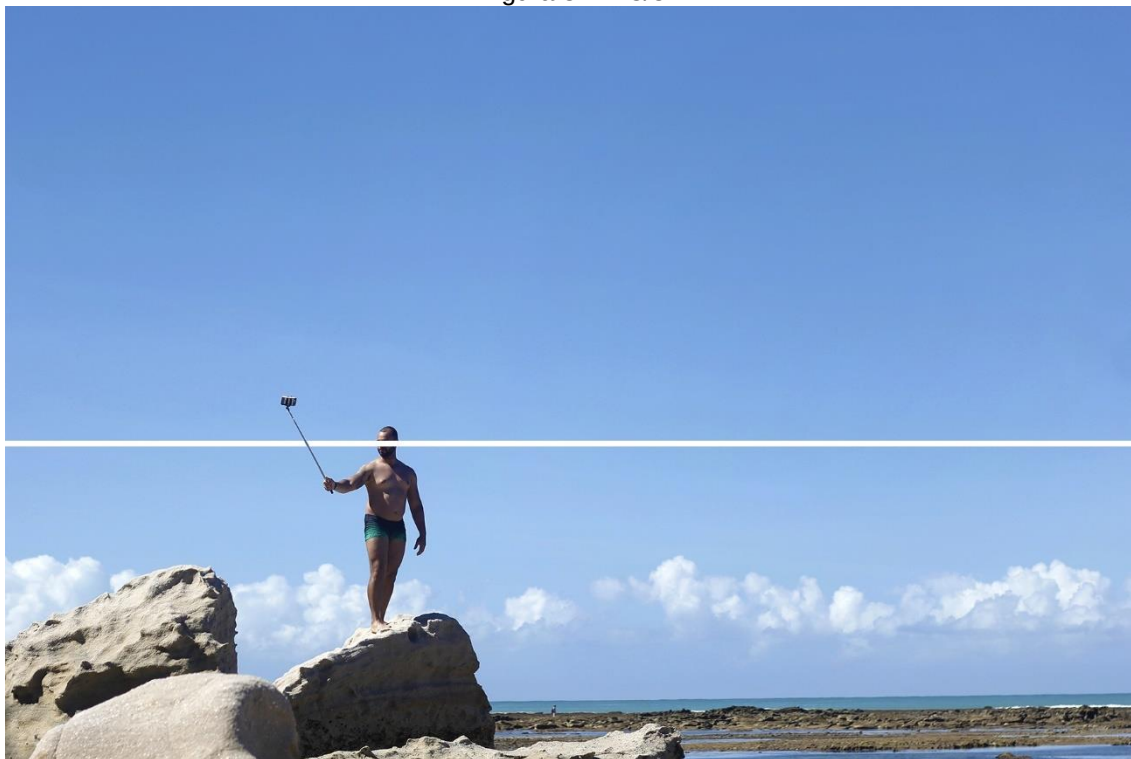
Figura 2 – 1.2/8



Fonte: Imagem do autor.

⁶ Parafraseando o título do texto: SCHWARCZ, L. *Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais*. *Sociol. Antropol.* [online]. 2014, vol.4, n.2, pp.391-431.

Figura 3 – 1.3/8



Fonte: Imagem do autor.

Diante da cultura visual avivada pela consolidação do mundo-imagem em que “No mundo real, algo está acontecendo e ninguém sabe o que vai acontecer. No mundo-imagem, aquilo aconteceu e sempre acontecerá daquela maneira” (SONTAG, 2004, p. 184), me preocupo como salienta Schwarcz (2014), em pensar as imagens enquanto documentos para análise da produção de representações, de costumes, de percepções e, incluo aqui, de apresentações, sendo elas elementos que circulam, interpelam, negociam. O trato de conexões entre o visível e o invisível na quais as imagens se comportam como um documento de um jogo de imaginações e interações, isto é, como da expressão e documento do imaginário social se tornam latentes (MARTINS, 2013). Encontro essa possibilidade de reflexão, portanto, nas imagens fotográficas produzidas pelos turistas ao longo de suas viagens de lazer. Imagens que tratam da dimensão visual do fenômeno turístico e exigem uma nota quanto ao seu uso na contemporaneidade, afinal com a chegada das tecnologias digitais começamos a lidar com contexto de contatos em relação ao

que Fontcuberta (2012) chama de engaste entre velha e nova fotografia, ou ainda, entre fotografia argêntica e fotografia digital. Ou seja, quando falamos de fotografia digital estamos diante de um cenário que movimenta para rupturas, transições ou continuidades?

Se há a possibilidade de considerar que a fotografia digital assume e herda usos e valores antes de relevância da fotografia argêntica, como por exemplo, de registro, memória, identidade etc. pensemos numa ideia de continuidade, de adaptação em que o horizonte tecnológico aponta para o digital. Fontcuberta (2012, p.14) afirma:

Mas a imagem não se reduz à sua visibilidade, a visibilidade não é o critério determinante nem o único; os processos que a produzem e os pensamentos que a sustentam participam, e nesse sentido sim podemos constatar uma mudança de natureza. E é lógico que seja assim: cada sociedade necessita de uma imagem à sua semelhança. A fotografia argêntica contribui para a imagem da sociedade industrial e funciona com os mesmos protocolos que o resto da produção desenvolvia em seu cerne. A materialidade da fotografia argêntica corresponde ao universo da química, ao desenvolvimento do aço e da ferrovia, à maquinaria e à expansão colonial incentivada pela economia capitalista. A fotografia digital, por sua vez, é consequência de uma economia que privilegia a informação como mercadoria, os capitais opacos e as transações informáticas invisíveis. Tem como material a linguagem, os códigos e os algoritmos; compartilha a substância do texto ou do som, e pode existir em suas próprias redes de difusão. Responde a um mundo acelerado, à supremacia da velocidade vertiginosa e às exigências do imediatismo e da globalidade. Insere-se definitivamente em uma segunda realidade ou realidade de ficção [...].

Figura 4 – 1.4/8



Fonte: Imagem do autor.

Figura 5 – 1.5/8



Fonte: Imagem do autor.

Figura 6 – 1.6/8



Fonte: Imagem do autor.

A fotografia é encarada aqui como “espelhos do mundo”, ou ainda, como fabricação de “simulacros” que acabam por significar as coisas (MACHADO, 1984). Em outros termos, são construções simbólicas que se sobrepõem e nos deixam diante de um cenário que não permite voltarmos atrás, mas olhar com o atrás.

Lidemos com os novos burburinhos das possibilidades da fotografia digital que herda compulsoriamente – atribuindo diferentes significados – e cria usos e valores para o que chamamos de fotografia. Numa viagem, as fotografias digitais autenticam a viagem ou questionam a autenticidade? As fotografias digitais são feitas para um arquivo ou para uma lembrança futura? Ou ainda, estamos encarando um novo sistema de comunicação social? Fontcuberta (2012, p. 190) sinaliza que nessa construção de realidade de ficção:

Aceitamos o advento da pós-fotografia, mas desconhecemos ainda o estatuto do novo cenário. Diante do exorcismo impossível que libere sua alma da prisão de um corpo alheio, a fotografia digital continua espalhada na fotografia analógica,

e isto representa a grande desforra do pictorialismo. Isso porque nesse ajuste de contas com o destino os papéis se inverteram: hoje toda foto é ineludivelmente pictorialista. O pictorialismo digital inunda o mercado da imagem.

Figura 7 – 1.7/8



Fonte: Imagem do autor.

Figura 8 – 1.8/8



Fonte: Imagem do autor.

A onipresença da imagem é encarada, portanto, pela imagem fotográfica mediada pela tecnologia digital que de maneira intensa chega ao grande público – a incluir os turistas em viagens de lazer – e altera modos de produção e circulação ao colonizar das mídias à vida cotidiana. Busco, assim como Martins (2001), romper com dicotomias explicativas que visam a mera classificação e deixam de lado as geografias imaginativas. É pensar, a partir dessas imagens, que o sujeito observador e o sujeito observado constituem-se mutuamente. Nesse contexto consideremos inclusive a natureza “etnográfica” do arquivo visual, haja vista que as imagens são consideradas artefatos culturais, e sua preservação ou não correspondem a um ato cultural.

Aprofundando a relação entre parte da atividade turística e parte da prática fotográfica, Sontag (2004), ao sugerir que o turista passa a colocar uma câmera entre si e tudo que é notável ou lhe sugere ser, permite estimular questões assinaladas acima em consonância com a prática de tirar fotos. Ao nos debruçarmos sobre os aspectos da fotografia e seus efeitos, num mundo de ampla profusão de imagens, considera-se a sensação de acesso às coisas

que a fotografia pode proporcionar, de maneira a realçar a experiência, bem como confirmá-la, referenciá-la e, assim, transformar a realidade. Dessa forma, o turista que fotografa pode assemelhar uma fotografia tirada à própria experiência. Se tirar uma foto pode ser tão importante quanto o evento, o turista pode estar altamente impelido pela construção de uma experiência em que o desejo pela posse de lugares, pessoas e objetos esteja presente (BENJAMIN, 1986). Dessa maneira, refletir sobre a noção de que o turista em viagens de lazer pode ser motivado por uma prática que satisfaça seus desejos nos coloca diante do desafio de considerar a capacidade de produção de experiências coletivas e narrativas coletivas, sejam pelas histórias ou pelas imagens.

Tal comportamento diz respeito também ao fluxo de coisas que são agenciadas e agenciam, mesmo no retorno de uma viagem. Porém, cabe salientar que se o contexto da experiência e da narrativa pode ser pensado a partir da crise de intercambiar experiências, é relevante analisar a capacidade de realização, pela ação dos agentes, com outra forma de produção da história. Afinal de contas, para Benjamin (1986), a história é aberta, é a história da “agoridade”. Ou seja, a perspectiva de transformação e realização do homem não passou, mas ocupa o presente. Ainda há o fluxo narrativo comum e vivo que permanece aberta a novas propostas e ao fazer no conjunto. Narração é, portanto, ação.

Esse turista constrói, portanto, uma coleção particular que inclui desde *souvenirs* – dentre eles os cartões postais – às imagens produzidas e diz respeito a uma narrativa que vincula a viagem do turista ao gesto fotográfico. Em *Ensaio sobre a fotografia*, Vilém Flusser (1998) salienta que observar os movimentos de um fotógrafo equipado de seu aparelho – ou um aparelho equipado de fotógrafo – é observar um movimento de caça, em que o gesto consiste na construção de objetos culturais com intenções determinadas. Ou seja, fotografar em uma cidade populosa difere de fazê-lo em um vilarejo litorâneo, por exemplo.

REVELANDO ALGUMAS IMAGENS

Figura 1 – 2.1/2







Fonte: Compilação do autor⁷

⁷ Montagem a partir de imagens coletadas por publicações públicas no Facebook.

Figura 1 – 2.2/2









Fonte: Compilação do autor.⁸

Do que e de quem são as imagens acima? Se quando aponte a câmera para o outro no intuito de pensar sobre o outro, senti que a pesquisa precisava dialogar com o outro, mesmo que esse outro dissesse muito sobre mim. Começo a visualizar a ideia do trabalho etnográfico como um investimento na reflexão do que as pessoas fazem com a vida e o que essas pessoas fazem para a vida dos outros – a incluir do antropólogo.

Na intenção de experimentar com a imaginação etnográfica, montei e revelei as imagens acima que só foram possíveis por uma série de ações colaborativas, como a própria visita no campo no qual pude dialogar com alguns informantes – ainda que essa condição seja muito cara para o presente texto, afinal um turista é um turista por quanto tempo? Ou ainda, por quanto tempo ele pode permanecer como informante? De qualquer forma, todo o argumento elaborado é atravessado pelo fato de que a etnografia intensifica a importância da experimentação do aprendizado nos usos dos materiais e métodos escolhidos.

Uma das primeiras coisas que fiz logo após a primeira visita no campo, em junho de 2018, foi olhar o conjunto de fotografias digitalizadas de diferentes

⁸ Montagem a partir de imagens coletadas por publicações públicas no Facebook.

momentos históricos do processo de formação de Arraial D'Ajuda que obtive a partir de informantes e comecei a comparar com algumas outras imagens e relatos de turistas que haviam visitado o distrito e os divulgaram de maneira pública em sites de compartilhamento. Juntei as imagens e as experimentei com e por elas, de maneira que o item II traz um pouco desse processo combinatório feito num programa de edição de imagens. Optei por trabalhá-las em formato 10 cm x 15 cm, formato comum de revelação de filmes fotográficos em época de popularização do acesso às câmeras analógicas, e as imprimi digitalmente – simulando a revelação – para então montá-las em um formato de álbum. Nessa tentativa de transcodificação de minhas intenções creio, tomando nota da análise de Didi-Huberman (2013) sobre o Atlas Mnemosyne de Aby Warburg, tatear aspectos de quadros imagéticos com intuito de estimular pensamentos por imagens.

Assim, se por um lado, cada quadro montado em 10 cm x 15 cm permite a leitura separada de sua montagem, por uma mesma via, os 12 quadros se apresentam de maneira combinatória em que há um conjunto de imagens que se relacionam entre si. Bem como afirma Johnston (2016), aqui também há percepção de mobilidade em que se modela visualidade em uma sequência de episódios. Em Johnston (2016), o estudo de artefatos não-canônicos salientam a interação de texto e imagem em que a narração da paisagem reside de um olhar que está dentro do trem e acessa, pela janela, a sensação de movimento, assim como na experimentação visual proposta aqui, que desorienta o espectador que busca olhar as coisas mais próximas que excedem esses quadros. Sobre a justaposição de diferentes tempos históricos presentes no álbum, tendo a dialogar com a experiência de uma alteridade que justapõe uma relação do outro com o eu. Afinal, em qual caixa de sapato poderia encontrar um álbum como esse? Quando olho para esse pequeno álbum tenho a impressão de que algo já me soa familiar. Familiar e, numa mesma medida, descontínuo, montando então um imaginário polifônico e polissêmico. Há visibilidade que se apoia numa rede complexa de incertezas, de trocas e de evasivas, “Somos vistos ou vemos?” (FOUCAULT, 2007, p. 6).

Dessa maneira, observar a capacidade de agência dos atores, sendo eles humanos ou não humanos, sem que o antropólogo se coloque como um “empoderador” de quem se estuda, é uma postura metodológica fundante para

o desafio da pesquisa. Em outros termos, há de se considerar, como afirma Ortner (2006), as relações dialéticas entre coerções estruturais da sociedade e da cultura e as práticas dos atores sociais, de maneira que as “estruturas” e “sistemas” que estabelecem coerções sobre práticas que podem e são, ao mesmo tempo, transformadas pelas práticas dos atores sociais. Afinal, parto da afirmação de que os fenômenos sociais se movimentam.

Ainda que um destino turístico seja intensamente ocupado como é o caso de Arraial D’Ajuda, o turista não esgota suas opções de ação. Nesse desenvolvimento procedimental, o conceito de vida cotidiana, sinalizado em Lefebvre (1991), também pode ser trazido à tona, uma vez que o lazer descrito pode estar conectado com as tensões e contradições próprias da vida cotidiana. Isto é, reconhece-se a interação social como formada ao longo do tempo histórico e, assim, assume uma prática política dos homens com ações históricas e sociais (SEVERINO, 2007). Lefebvre (1991) salienta que a centralidade no cotidiano permite a reflexão do tempo presente, do aqui e do agora, do prazer e do sofrimento, ou ainda, da contradição na presença e na ausência.

ARRAIAL D'AJUDA

O LUGAR

Em uma das fotografias que conversei com A5⁹ há a placa de fundação da Igreja de Arraiala d'Ajuda: “[...] me chamou a atenção também [...] 1549! Pensa?! Isso me chamou a atenção”. Semeão (2019) afirma que apesar de 1549 ter sido o ano da chegada da primeira leva de jesuítas na costa e possivelmente a data para a fundação da ermida de Nossa Senhora da Ajuda – a primeira casa destinada aos jesuítas do Brasil – há certa variação sobre sua exatidão. De qualquer forma, é padre jesuíta Manuel de Nobrega (1517-1570) responsável pela delegação da construção d'Ajuda e que logo nos seus primeiros registros ganha a fama de local milagroso por conta de fonte irrompida após a construção da igreja – recebendo assim, romarias que se tornam tradicionais na medida que o contato com suas águas garante a graça alcançada. Esse valor de sagrado do cotidiano dos colonos em relação a ermida e a fonte d'Ajuda traz o ponto em que há um tom de local de parada, e, ainda como consta nos registros do padre José Anchieta (1534-1597), que para certas pessoas impossibilitadas de ir à Fonte da Senhora, delegavam para que outros fossem buscar tal água milagrosa e pudessem então maneja-la com seu sentido de cura. Sobre a fundação e o processo de ressignificação do lugar:

Ademais, independente de qual foi o relato mais preciso sobre a Ajuda e a Fonte da Senhora, é certo que, além de primeira casa dos inacianos e igreja de Porto Seguro, foi, muito antes de se tornar Local de turismo como hoje em dia é reconhecido, o primeiro Local de milagres do Brasil, socialmente reconhecido como destino àqueles que almejavam ser curados de mordeduras de cobra, câmaras de sangue, quebraduras (LEITE, 1938, p. 2067), cobreiro, entre outros malefícios que atormentavam os colonos que viam a fonte d'Ajuda o único meio de cura, compondo parte de uma história das razões do deslocamento humano no Brasil. Nossa Montserrat, Mazareth ou Loreto, homenagem à nossa Guadalupe, ainda continua de pé até os dias atuais recebendo romarias, mas principalmente visitas, não mais tanto de doentes que almejavam curas milagrosas pela fonte, mas sobretudo de simples curiosos, um

9 Como conversei com sete pessoas, tratarei cada um dos agentes com a letra A e uma sequência numérica.

processo de Ressignificação social do lugar. (SEMEÃO, 2019, p. 14).

Tal área que fica na região sul do Estado da Bahia, e atualmente faz parte da Costa do Descobrimento – Belmonte, Santa Cruz Cabralia, Porto Seguro e Prado –, que foi delimitada pelo Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR) em 1997. Como afirma Reis Amorim (2013, p.213):

Até meados dos anos 1970, os municípios que integram a região Costa do Descobrimento integravam economicamente a Região Cacaueira que, até o final da década de 1980, tinha na monocultura cacaueira sua base econômica. A crise da monocultura cacaueira levou à implantação de novas bases econômicas, como a industrialização de bens de consumo duráveis e não duráveis e a implantação da atividade turística (explorando os potenciais naturais e culturais). A região da Costa do Descobrimento apresenta níveis de degradação bastante acentuados, ocorridos predominantemente nos últimos 40 anos. Essa degradação foi maior nesse período, pois a área manteve-se preservada até a primeira metade do século XX, principalmente devido ao isolamento geográfico decorrente da ausência de estradas. Até meados da década de 1950, a única forma de comunicação era a via marítima. A construção da BR-101 foi o marco para as severas transformações no uso e ocupação das terras da Região Costa do Descobrimento. As obras de construção dessa rodovia desencadearam o desmatamento desordenado na área, atraindo a exploração de madeira da Mata Atlântica no período de construção da rodovia. Outras atividades econômicas desenvolvidas na área estão ligadas à expansão da pecuária extensiva e à implantação de atividades agrícolas (plantio de coco-da-baía e mamão) e a silvicultura de eucalipto, degradaram a Mata Atlântica, restando apenas alguns remanescentes. A Mata Atlântica se mantinha em seu estado natural até início do processo de colonização portuguesa, quando, a floresta cobria cerca de 1.290.000 km², correspondendo a 12% do território brasileiro. No final do século XX, a ação do desmatamento desordenado reduziu a área da floresta para 95.000 km², o que corresponde a 8% do montante original.

Ainda que a região tenha passado por um intenso processo de desmatamento o imaginário de belezas naturais aliado ao clima tropical oceânico atraiu para Arraial d'Ajuda, conforme reportagem de Folha de S. Paulo (2009), uma leva de *hippies* durante os anos de 1960 e 1970 que é decisiva para a formatação espacial do local e a partir de então, como sinaliza Nascimento (2016), a partir de 1980 marca o desenvolvimento do turismo, bem

como da sua estruturação a partir de 1990 com recursos para a infraestrutura urbana – sobre isso, destaca-se a melhoria da travessia do rio Buranhém, a construção do trecho da BA-001 ligando Arraial d’Ajuda, Trancoso e Vale Verde (permitindo uma acesso via terrestre) e a inauguração do aeroporto de Porto Seguro (que está separada da cidade de São Paulo, por exemplo, a uma hora e meia de voo aproximadamente). Sobre esse processo, há a importância de destacar seu caráter de tendência no litoral brasileiro:

Em nível mais global, o processo de modernização associado ao turismo, em especial, no litoral brasileiro, tende a seguir uma dinâmica similar nas diferentes cidades litorâneas. Referindo-se à ocupação do litoral brasileiro, a partir do século XX, Macedo e Pellegrino (1996) afirmam que ela se estrutura associada ao crescimento dos subúrbios das grandes cidades costeiras, que vão se configurando como subúrbios de veraneio. O primeiro exemplo desse processo é a Cidade do Rio de Janeiro, onde o bairro de Copacabana se valoriza como balneário, tornando-se os banhos de mar hábito popular (isso ocorre, no Brasil, apenas no século XX, enquanto, em certos países da Europa, a prática vem do século XV). (Guimarães, 2006, p. 131)

Dada a praia como um cenário comum no turismo mundial e também no extenso litoral brasileiro é nesse processo que encontramos o pano de fundo para o desenvolvimento do texto. Há, portanto, um sentido social e histórico demarcado – ainda que nem sempre as praias recebam quantidades consideráveis de turistas ou lidem com o emblema de destaque enquanto cidades “turísticas”. O fato é que há uma forma urbana que articula atividades turísticas e surgimento de paisagens urbanas no fim do século XX que são denominadas por Lopes Júnior (2000) de “urbanização turística”. Transformações que dizem sobre correlações de diferentes lugares no sentido das relações entre os agentes do e no turismo.

O distrito de Arraial D’Ajuda é um destino que está no imaginário turístico de milhares de pessoas, sendo um polo receptivo de turistas tanto nacionais quanto internacionais. Segundo dados do Observatório de Turismo da Bahia, de 2011, a *Costa do Descobrimento* – no qual a cidade de Porto Seguro está incluída – foi responsável por 14% do fluxo turístico doméstico de todo o Estado. Segundo essa mesma pesquisa, somente o distrito de Arraial D’Ajuda foi responsável por 5% do fluxo internacional de turistas na Bahia. Sua

atmosfera vinculada a uma ideia de sol, praia e *charme* – a rua Mucugê é conhecida como “a rua mais charmosa do Brasil” – traz interessantes questões para se refletir sobre as narrativas produzidas em torno desse bairro, ou ainda, do imaginário do que é a Bahia. Reafirmando essa posição A5 destaca ao comentar sobre uma foto que produziu no mirante atrás da igreja:

E atrás da igreja tem essas fitinhas... e isso me chamou a atenção também... que eles falam que a gente tem que fazer... 3 nozinhos e 3 pedidos. E aí na hora que eu olhei essas fitinhas, e o taaanto te fitinha que tem... eu fiquei pensando, assim, quantos sonhos e desejos [...], quantas pessoas ali [...] deixaram o seu pedido ali, né? [...] eu coloquei uma coloridinha [fitinha][...] eu coloquei aí, coloquei lá em Porto Seguro também...e ... quando a gente faz o pedido [...], parece que a gente volta pra tanta coisa [...], quantas pessoas depositaram em 3 nozinhos, né?... os pedidos e os desejos que elas queriam naquele momento [...], muita vida aí, né?

O meu interesse por Arraial D’Ajuda vincula, sobretudo, um olhar dedicado a ação de alguns turistas em viagens de lazer e remete à defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que fiz em 2016, cujo tema tratou da ênfase no lazer (a partir de parte da prática turística e parte da atividade fotográfica) acompanhada, dentre um dos aspectos, da ampliação da sociedade de consumo, na segunda metade do século XX – especialmente em países centrais do capitalismo. Dessa forma, tateando questões em torno de como turistas paulistas produzem e circulam seus documentos visuais sobre o distrito destacado num contexto de onipresença de imagens opto por criar um debate num processo em que me coloco a ver para pensar e pensar para ver, sobretudo, a maneira como conduzimos parte específica do lazer na contemporaneidade.

Mas, afinal, o porquê de escolher os turistas paulistas? Logo em minha primeira visita ao campo percebi que Porto Seguro e, sobretudo, o distrito de Arraial D’Ajuda, por ser um local preparado para a recepção dos deslocamentos como descrevi acima, muitas das interações passam pelo interesse do ponto de partida das pessoas, seja pela cidade em que se nasceu,

residiu ou reside. Assim, na esquina do mundo (uma das possíveis referências para o distrito), o Estado é algo que identifica o visitante e o visitado – a não ser, é claro, quando alguma das partes é de outro país e nesse caso a pessoa é identificada por sua nacionalidade.

Guardado o contexto de reflexão e se me é permitida a analogia, tendo a considerar os turistas paulistas como uma categoria boa para pensar. Ou seja, se Lévi-Strauss (2003) no estudo dos *tallensi* do norte da costa do ouro percebe nos símbolos totêmicos dessa cultura pontos de referência ideológicos no qual o indivíduo utiliza para se orientar, no presente texto reconheço a possibilidade de favorecer um pensamento especulativo em torno de como os deslocamentos contam sobre experiências e narrativas fazendo uso da noção dos turistas paulistas que surge dos dados da observação das interações. Além disso, a noção de turistas paulistas trata de uma relação que os agentes estabelecem entre o lugar de origem e o lugar de destino que pode ser de oportuna reflexão se considerar a importância que esses turistas exercem para economia turística de Arraial D'Ajuda, tanto se considerar a importância que o destino exerce nas preferências turísticas dos paulistas. Segundo dados do Observatório de Turismo da Bahia, de 2015, o Estado de São Paulo é o principal emissor – exceto os visitantes do próprio Estado da Bahia – de turistas para a Bahia sendo responsável por 14,1% do fluxo e representa 22,4% das receitas geradas pelo turismo em todo o Estado, perdendo apenas para o turismo interno que corresponde a 24,8% da receita. Por outro lado, a mesma pesquisa aponta que Porto Seguro/BA é o 18º destino mais visitado no país pelo turismo doméstico, bem como o 11º mais desejado entre o público. De maneira ainda mais específica, cabe salientar que em pesquisa do Datafolha publicada pela Folha de S.Paulo em maio de 2019 no caderno Viaja são paulo, o estado baiano aparece no topo das preferências turísticas dos paulistanos, destacando a Chapada Diamantina, Salvador e Porto Seguro.

Assim sendo, parece oportuno levar em conta a ação social dos turistas paulistas com suas câmeras, sobretudo, no sentido de um ator que modela sua experiência e sua narrativa (inclusive visual) a partir de sua relação direta com a câmera direcionada para um mundo em movimento. Ou ainda, um mundo numa formação sincrética em que há deslocamentos numa “guerra de posições” – na relação da cultura com estruturas sociais de poder – sem

necessariamente estabelecer relações de igualdade uns com os outros, como denominado por Hall (2003), e que varia, portanto, conforme sua posição social, econômica e também com o período em que o mesmo se encontra. A escolha específica pela abordagem com os turistas paulistas em viagens de lazer trata de uma compreensão parcial e provisória, mas é pensada para se valer da análise migracional de Paiva (2008) em torno de como o deslocamento dialoga com os tempos de fixação. Ou seja, o “ser turista” é atravessado também pelo lugar de origem – lugar de destino. Dentro dos termos de (VELHO; MACHADO, 1977) há a compreensão de uma cidade que permite a investigação do objeto sem que haja a necessidade, forçada, de explicá-lo dentro de um quadro espacial – isso é o que diferencia o esforço de um estudo que lida com o turista na cidade e não exatamente da cidade. Afinal, é evidente que a condição dessa ação é flutuante na medida em que é deslocada em períodos e, também, por sua variabilidade pessoal (ou seja, nem sempre os turistas são as mesmas pessoas).

Se a utilização de população local possa fazer menção aos “nativos” e o “pessoal de fora” que chega e se instala no local por meio de um ponto de origem diferente, a utilização de turista exige o entendimento de uma homogeneidade que apresenta variação no tempo e no espaço visitado, bem como na pluralidade de pessoas com repertórios e referências, por vezes, diferentes.

DE ONDE VOCÊ É?

A condição do ser turista é marcada pelo deslocamento. Ou seja, o deslocamento entre o ponto de partida e o ponto de chegada é relevante para a prática tanto do ponto de vista do local de residir e o local de visitar, tanto pela prática ser essencialmente o deslocamento entre os pontos do local em que se visita. Conversando com um dos entrevistados sobre a possibilidade de durante a viagem ter recebido o questionamento “De onde você é?”, a pessoa me responde:

Sempre, sempre. As pessoas sempre perguntam da onde você é. Era muito legal. “Da onde cê é?” Aí eu: “Eu sou de São Paulo”. “Nossa, mas só tem paulista aqui!”, Aí eu falei: “É, só

tem paulista" [...], tava cheio de paulista, cheio, cheio, cheio, cheio!

Tanto é que eu viajei e acabei encontrando gente que mora aqui... sabe esse pessoal de grupo? Eu tava conversando lá no grupo, aí o rapaz: "Ah, eu tô aqui também!". Aí eu: "nossa! mas cê tá aqui?", aí a gente acabou se encontrando lá. Aí eu falei: "nossa, meu! a gente mora na mesma cidade, a gente, tipo, não se encontrou, mas tamo em Porto Seguro, vamo se encontrar?!". Tipo, ah, tem alguém de São Paulo, vamo se encontrar... É! Muito engraçado. Mas sempre perguntam daonde você é, entendeu? [...] São Paulo, Rio de Janeiro tava lotaaado... [...] difícil cê ver alguns outros lugares não tinha muito [...]. (A6).

Assim, não é de se espantar que esses deslocamentos sejam decisivos para a produção e circulação de fotografias. É necessário considerar, portanto, que não se trata de lidar com fotografias ingênuas ou desinteressadas, pelo contrário, deve-se considerar que a imaginação de um fotógrafo passará pelas relações construídas nos deslocamentos e, ao mesmo tempo, dependerá do que se inscreve na imaginação do aparelho. Antes mesmo de haver a transcodificação em imagens, há a transcodificação de intenção em conceitos. Por mais que o fotógrafo registre tudo o que vê, crendo que pode escolher livremente suas imagens, "o fotógrafo só pode fotografar o fotografável, isto é, o que está inscrito no aparelho" (FLUSSER, 1998, p. 51). O gesto fotográfico, por sua vez, é colocado como momento decisivo nesse processo, que inclusive diz respeito a uma série de decisões anteriores que resultam numa imagem. Percebo que considerar séries de fotografias de uma viagem turística pode revelar uma quantidade interessante de questões associadas aos deslocamentos, no caso, dos turistas paulistas e das imagens fotográficas produzidas.

Aqui, fala-se não apenas da circulação de coisas e pessoas em si, mas também nos significados que lhes são conferidos em seus usos e trajetórias (APPADURAI, 2008), assim como no caso do dispositivo fotográfico que o turista-fotógrafo carrega. Assim, se os atores humanos codificam coisas por meio de significações, são coisas em movimento que elucidam seu contexto humano e social. Ponderar quais são as pessoas e as coisas em movimento é trazer à tona não apenas redes de relações sociais, mas também como seus vínculos são mantidos, compreendidos e alimentados uns com os outros (BRAGA, 2013).

Apesar de levar em conta a preocupação de Philippe Dubois, sinalizada em entrevista para a Revista Zum (2018) quanto à natureza da imagem fotográfica ao longo do seu desenvolvimento histórico, me coloco, sobretudo, a estudar a maneira pela qual o ator estabelece sua relação com o mundo. “Menos do que uma teoria da imagem, a sugestão é de dar ‘imagem à teoria’, no sentido de ela se comportar como uma privilegiada instância formadora de representações” (SCHWARCZ, 2014, p. 393). Em outros termos, é preciso, como salientado acima, pensar a relevância desses aspectos para os atores sociais do estudo. Afinal, como sugere Barthes (1984), a importância de uma foto se vincula a quem a ela diz respeito.

A partir daqui é possível especular o que é elegível como fotografável para um turista, sobretudo, um turista que – assim como eu – desloca de um estado para outro e possui uma demarcação temporal importante nas relações estabelecidas. O que há ou que não há no comparativo da vida social do ponto de deslocamento e do ponto de chegada sinalizam decisões importantes não apenas para a definição do turista (enquanto um conceito relacional vinculado diretamente com uma percepção do “eu” e do “outro”) como o que será registrado no acervo pessoal de determinado turista. Sobre o assunto, A6 comenta sobre a viagem que fez sem acompanhantes:

Assim, durante o dia, eu curto ficar sozinha mesmo. Pra meio que fazer o meu rolê, tipo, ir aonde eu quero, visitar o que eu quero. Até porque eu gosto de bater 500 fotos... gosto de tirar 500 fotos em vários lugares [...], mas, meu! se eu for embora e não fizer isso, eu vou chorar... Então eu faço 500 fotos pra depois ficar livre. Aí eu num vou dizer que eu num vou tirar mais, mas aí eu vou tirar umazinhas, mas num vou ficar toda hora tirando foto, mas eu gosto muito de tirar... Então a fotografia, pra mim, é muito importante, tipo, uma lembrança. Eu tenho muito isso, de depois ficar olhando as viagens que eu fiz e... dá aquela saudade, aquele negócio de que... porque essa viagem pra mim, foi uma viagem [...] bem feita, sabe?!

TURISTAS PAULISTAS E IMAGENS FOTOGRÁFICAS

O turismo enquanto fenômeno moderno vincula-se diretamente com o desenvolvimento industrial impulsionado por países centrais do capitalismo desde a segunda metade do século XVIII e cria suas demarcações com o

processo produtivo capitalista global. Isto é, é um fenômeno que acompanha o modo de produção que busca a massificação de sua ação. Enzesberger (1985) sinaliza que são as condições que permitem a noção de diversão nesse tipo de deslocamento. Se na Roma Imperial as viagens eram um privilégio das elites que podiam buscar por novas experiências e prazeres em contraposição à vida que podia por vezes ser muito calma, e se uma sociedade medieval europeia que lida no século XII e XIV com amplas peregrinações, muitas vezes com cunho religioso. Já no século XVII com o *Grand Tour*, e em diante, a estrutura que começa com as aristocracias e vai abrangendo novas classes começa a associar a experiência com um forte apelo visual, mesmo que seja, por exemplo, o próprio testemunho ocular. O turismo de massa enquanto mais uma forma de deslocamento no contexto moderno, que é desenhado a partir da segunda metade do século XX, também traz diferentes sentidos e motivações para os turistas. Não há necessariamente uma marcação pela busca do que nunca foi visto, mas há o reforço de lidar com um imaginário já criado anteriormente por outros agentes, como por exemplo, turistas e empresas do mercado. Um imaginário, por sua vez, que elege o ponto de chegada, o ponto de partida e as maneiras do seu deslocamento entre os pontos como importantes critérios de sua validação.

Esse contexto é importante para reafirmar nos termos de Urry, 2001, p. 16:

O turismo, as férias e as viagens são fenômenos sociais mais significativos do que a maioria dos comentadores têm levado em consideração. Diante disso não poderia existir um tema mais corriqueiro para um livro. Com efeito, desde que os cientistas sociais sentem muita dificuldade em explicar tópicos de maior peso, como o trabalho ou a política, poder-se-ia pensar que eles teriam maiores dificuldades em dar conta de fenômenos mais banais, tais como tirar férias

Banal e em constante transformação. O próprio John Urry é fundamental na análise do fenômeno ao considerar o “olhar do turista” na medida que o olhar é construído no tempo, no espaço por meio do que é considerado turístico e não. Dessa forma, há também a necessidade de compreender o olhar a partir da sua heterogeneidade e não como uma experiência que traduz todo e qualquer turista. Há diferentes olhares e é a partir deles que o esforço

do presente texto reside. As configurações desse tipo de experiência – inclusive, visual – não é colocada como a deterioração da ideia de viagem, mas, sobretudo, como parte de agências de determinados turistas.

E assim, pensar como grupos sociais criam seu olhar turístico é uma forma de especular a definição de normalidade de parte do fenômeno, como é o caso de tirar fotografias. Tenho me preocupado em investigar as escolhas que os turistas paulistas fazem ao longo de suas viagens, principalmente no que diz respeito às suas produções fotográficas no decorrer dessas. Contudo, que tipo de imagens abordamos? É notável que o contexto de tecnologias digitais influencie a maneira como o grande público interage com a possibilidade de manipulação no processo de construção das imagens – inclusive, fotográficas. Argumenta Machado (1984) que desde a imagem processada tecnicamente a partir de uma câmera analógica, que em algum momento já se buscou o assentamento numa postura de “objetividade” e “transparência” da própria imagem dispensando o esforço de decodificação e deciframento do receptor, fazendo se passar por “natural e “universal”, o debate sobre imagens que dizem respeito aos sistemas simbólicos particulares, convenientes e interessados – ou seja, parciais – deve ser levado em conta. Com a predominância do uso da fotografia digital não apenas o questionamento quanto o fetichismo da “objetividade” é mantido, como nos dedicamos a refletir sobre as bases dos sistemas simbólicos que se apresentam a partir de então. Para isso, comentários sobre o uso da técnica fotográfica pelos turistas paulistas caminha muito mais pela crítica das agências do que por um uso dogmático, afinal uma imagem fotográfica qualitativa da viagem nem sempre é a considerada “resolvida” tecnicamente – ainda que isso possa ser determinante.

Há de se tomar nota de um contraste do que se vê e do que não se vê. Tão logo, algumas das reflexões que busco estimular são: mesmo diante do mundo-imagem, por que um turista no contexto contemporâneo, em seu tempo de lazer, produz imagens de suas viagens? Quais motivações o levam a colocar uma câmera como mediadora do que lhe é ou lhe sugere ser notável? Afinal, que tipo de experiências e narrativas esse turista estimula por meio das imagens produzidas?

Vale destacar que, enquanto turista, todo e qualquer fotógrafo se equivale a um amador que tira as fotos de sua viagem. No caso específico dessa pesquisa, proponho-me a analisar os hábitos dos turistas paulistas que visitam o distrito de Arraial D'Ajuda, em Porto Seguro, Bahia, buscando questionamentos que podem dizer respeito a uma possível crescente diversidade e autonomia de lazer entre os indivíduos (BARBOSA, 2007), bem como a diferenciação que apontaria para práticas de lazer no qual o ator tende a se ver orientado à experiência de alguma narrativa específica.

A importância de pensar de que maneira uma atmosfera que possibilita o uso de algumas expressões tão amplamente acionadas, como por exemplo, “Sorria você está na Bahia”, pode estar vinculada a esse modo de narrativa. Além disso, em relação à escolha apresentada, segundo a Pesquisa de Caracterização do Turismo Receptivo no Estado da Bahia, publicada em 2015, realizada pela FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) em parceria com a Secretaria de Turismo do Governo da Bahia, os visitantes do Estado destacam a hospitalidade do povo, os atrativos naturais, a alimentação/gastronomia, os atrativos histórico-culturais e os meios de hospedagem como itens que os agradaram ao longo da viagem. Outro dado importante é que 94,6% dos turistas domésticos não apenas retornariam ao município/evento visitado, como 96% recomendariam para outras pessoas. Entre os internacionais, esse número é de 80% para o desejo de voltar e 91,1% para recomendação para amigos. Esses dados se mostram ainda mais expressivos se considerarmos que 64,3% dos turistas domésticos já haviam visitado a localidade ou evento anteriormente.

Sendo assim, chama a atenção o aspecto de que tais dados podem estar vinculados às experiências e às narrativas que os turistas criam nessas viagens. Por isso, a presente pesquisa revela interesse em discutir essas questões num âmbito visual. Sontag (2004) afirma que o protocolo social da fotografia incide sobre o viajante no sentido de contribuir na maneira pela qual o mesmo conhece o mundo, dizendo respeito também à escolha de um destino, que é altamente influenciada pelo repertório visual criado por atores que se envolvem com a prática turística - a incluir, o turista. Zucco, Anjos e Bertoli (2016), incidindo sobre essa questão, afirmam que a imagem do destino afeta diretamente a satisfação do turista, sendo que, numa viagem,

aproximadamente 89% dos turistas tiram fotos e 41% postam em redes sociais virtuais.

Considero que discutir a afirmação de Sontag (2004) na qual a onipresença de imagens no ocidente coroa a experiência visual me permite refletir de que maneira uma ética do ver pode afetar a ética do lazer. A fotografia, por sua vez, seria uma dessas formas de produção de imagens com proeminente autoridade. É na visualização de dada atividade fotográfica aliada a determinada atividade turística que se apresenta a preocupação de um mundo-imagem que afeta a esfera do lazer. Não é incomum, por exemplo, atores que narram a veracidade da sua viagem a partir de expressões, como por exemplo: “lugar cinematográfico” ou “parece fotografia”. Isto mostra a influência que a imagem exerce na realidade e qual relação esse modo de lazer pode ter com momentos privilegiados para a produção e para o consumo. Possuir e ser possuído por imagens. O turista em viagens de lazer consome, mas também produz e passa a introduzir sua própria presença como elemento importante na construção do mundo-imagem. A sua experiência modelada pela condição visual para um mundo em movimento. Destaca-se, portanto, que a “Fotografia não apenas reproduz o real, [ela] recicla-o – um procedimento fundamental numa sociedade moderna” (SONTAG, 2004, p. 191).

O estudo da prática turística vinculada à própria produção de imagens do turista, ao longo de sua viagem, pode remeter ao cultivo e ao trato que a Sociologia e a Antropologia têm dedicado, nos últimos tempos, à fotografia, na medida em que pode contribuir como fonte e registro de informações sobre a realidade social, sobretudo, quando alguns documentos não ocupam essa dinâmica de maneira satisfatória (MARTINS, 2013). Aqui, proponho refletir não apenas acerca do imaginário social, mas também em sua incorporação dialética na discussão que trata das tensões e contradições presentes no lazer. Sendo assim, a análise das interações estabelecidas se norteia para o que diz respeito ao que é próprio do social, mas também estimula processos de compreensão que, às vezes, não estão ao alcance do turista ou não lhe são uma preocupação primária.

Proponho-me ainda a tratar aqui de lugares, como nos termos de Trajano Filho (2012), não exatamente como ponto localizável objetivamente num espaço físico-geográfico nem, por outro lado, como grade espacial

abstrata. É tratando de lugar como um apoio que dá sustentação, sentido e emoldura as interações sociais que se dão num fluxo entre atores sociais. Pensar na constituição dos lugares desse modo resulta considerá-los como atividade central na construção das narrativas que foram no passado, são no presente e serão produzidas no futuro. Em outras palavras, parte relevante do que somos diz respeito sobre os lugares que imaginamos. Nesse caso específico, considerar-se-ão as interações que circundam a produção de imagens fotográficas.

TIRANDO FOTOS. OU, TIRA PÕE E DEIXA FICAR AS ENTREVISTAS

Se no primeiro capítulo apresentei a justificativa do objeto de estudo, bem como a minha autoridade etnográfica foi sendo construída e experimentada no percurso. No segundo tratei de apresentar o palco do estudo e o aspecto relacional dos turistas paulistas com o local. A partir de agora me dedico a refletir sobre como a minha agência e a dos turistas paulistas coincidem num movimento etnográfico que tratará diretamente na maneira como o percurso me trouxe a determinadas questões metodológicas.

Busco analisar as condições específicas dos interlocutores (ou indivíduos), no caso, turistas paulistas, reforçando, inclusive, o título direcionado a tais agentes. Nesse momento, a abordagem qualitativa é proposta em apoiado no duplo caminho: (1) apresentação das entrevistas em profundidade com os sete turistas selecionados e (2) análise e experimentação etnográfica apoiada na ideia de etnoficção; Saliento de maneira que o estudo do material visual produzido pelos turistas é norteador, pois, como informa Rocha e Eckert (2015) acerca da narrativa audiovisual, o esforço intelectual deve considerar a condição de etnografar valendo-se de, com e por imagens. Esse processo trata, portanto, das percepções que emergem na relação entre entrevistador e entrevistados, de maneira que a postura e posição que ocupo traça uma percepção das imagens que crio sem um exato condicionamento sobre o outro (FAVRET-SAADA, 1990).

Apoiado na questão que Alves e Samain (2004) sobre a atenção que os antropólogos devem ter sobre o fato das culturas estudadas serem regidas por novos suportes comunicacionais e que isso de certa forma questiona a ideia de sacralizar a escrita, busco “aproximar das comunidades humanas socialmente *organizadas a partir desses outros meios e parâmetros* comunicacionais e tentar entende-las” (ALVES E SAMAIN, 2004, p. 51). Isto é, conjugo texto e imagem na busca de um ethos do turista paulista. Sobre isso:

SABEMOS COMO DOIS amigos russos se saúdam ou expressam reconhecimento mútuo: eles se beijam nos lábios. Diante desse comportamento, pode-se imaginar como um brasileiro reagiria interiormente: "O que é isto, camarada?"

Devemos, no entanto, considerar uma situação paralela, embora inversa: a de dois amigos cariocas, observados pelos mesmos amigos russos. Amigos brasileiros também sabem se saudar e expressar reconhecimento mútuo. Como? Eles se aproximam um do outro e, quase aos berros, começam a se dar tapas tonitruantes nas costas. Os russos, ao presenciar tal cena, pensariam, decerto, que um dos dois não resistiria a tais impactos. Eis o que é o *ethos*: um comportamento estandardizado, culturalmente estereotipado, que pode explicar, ainda, por que um brasileiro se dá conta de que não é um argentino na maneira de se conduzir, emocional e afetivamente. O *ethos* de que fala Bateson remete, dessa maneira, a modos diferenciados e estereotipados, a maneiras social e culturalmente definidas de se comportar. Representa um sistema codificado dos instintos e das emoções presentes nas condutas e nos comportamentos de pessoas que vivem numa determinada sociedade. O *ethos* de uma cultura e a sua *grife*. (ALVES E SAMAIN, 2004, p. 49).

Dessa forma, a produção das entrevistas em profundidade foram feitas com turistas paulistas que já visitaram Arraial D'Ajuda – em contexto de pandemia de Covid-19 ou não – que dispuseram-se para tal a partir de publicação feita no grupo de Facebook “Porto Seguro - Bahia - Brasil (Oficial)” e no “Porto Seguro – Bahia – Brasil” ou a partir de rede de conhecidos que acionei. Além da própria entrevista essa foi a maneira pela qual utilizei para acessar os materiais visuais produzidos pelos interlocutores e desenvolverei já na proposta de uma etnografia por e com imagens. Ainda sobre isso, vale destacar que apesar de um roteiro pré-estabelecido, a atenção no manejo com as respostas obtidas foi fundamental. Isto é, dar vazão para os assuntos que as pessoas gostariam de falar exige um certo repertório para o imprevisto, mas sinaliza para questões fundamentais do que significa todo o deslocamento bem como a importância da imagem fotográfica para tais agentes – nesse sentido, a tensão do dito e do não-dito, ou ainda, do visualizado e do não visualizado é central.

Utilizo a noção de etnoficção, BOUDREAULT-FORNIER, HIKIJI e CAIUBY NOVAES (2016), enquanto estratégia narrativa e enquanto caminho epistemológico para a Antropologia, justapondo extremos e radicalizando suas tensões e, assim, nos convoca a exercitar o estranhamento do ordinário e do extraordinário. Ou seja, não buscar exatamente as fronteiras entre documentário e ficção – se existem por marcações ou não –, mas estimular o pensamento ficcional no contexto da disciplina que possibilita aberturas para o

criativo e inserem até diferentes questões sobre a alteridade na medida que desloca a soberania da autoridade etnográfica.

Dessa forma, a seleção dos entrevistados levou em consideração casos variados de maneira que possibilitem uma análise detalhada de cada caso, bem como permitam a produção comparativa das falas apresentadas na entrevista. Todavia, salientam-se critérios ligados ao local de origem (no caso, Estado de São Paulo), à data da viagem, ao motivo da viagem, ao comportamento, à faixa etária dos turistas, à ocupação profissional e ao gênero. Já sobre a estrutura da entrevista, a opção decorreu não só da oportunidade de obtenção de informações a partir do discurso livre dos sujeitos, mas, também, de perguntas geradoras. Ou seja, o delineamento interno das questões foi desenhado a partir das seguintes propostas temáticas: dados gerais e ocupação (buscando identificar perfil etário, ocupação profissional - e outras se houver – local de residência e relação familiar); orçamento x consumo (analisando a divisão e orientação dos gastos); tempo livre, lazer e viagem (distinguindo as formas de ocupação do tempo livre e seu direcionamento para atividades de lazer, bem como a importância das viagens turísticas nesse cenário); fotografia e turismo (motivações e atividades desenvolvidas nas viagens, bem como a maneira pela qual a prática fotográfica é percebida em tais situações pelos sujeitos).

Conforme afirma Malinowski (1984), trata-se de construir uma proposta de identificação com a alteridade. Com a pesquisa busco apresentar a interação e apreensão da relação entre o pesquisador e os atores que se estuda. Ou ainda, de maneira geral, me coloco ao estudo da experiência que o antropólogo estabelece com o campo para captura de dados e interpretação do que se estuda. Vale ressaltar que tal etapa não trata de se desvincular das mudanças historicamente sinalizadas, mas justamente de considerar a profundidade das mudanças sociais enquanto coexistentes ao próprio social e que, por sua vez, geram suas tensões e contradições – sobre isso, a própria pesquisa decorre desse processo, haja vista que foi readequada para o contexto de pandemia de Covid-19 e foi realizada no ambiente remoto.

Enquanto pesquisador reconheço que a categoria de turista – a “condição outra” do estudo – é marcada pela provisoriidade e por um fluxo contínuo, que dado a minha possibilidade de inserção temporal no campo

gerou influências determinantes no meu posicionamento. Se por um lado, não é de se assustar que a minha identificação por vários agentes tenha sido também de um turista paulista, ainda por esse mesmo lado, essa posição permitiu oportunas interações com outros turistas paulistas e suas imagens, afinal o que se pretende informar é a busca por uma metodologia que favoreça o recolhimento de informações, que aprofunde o conhecimento em torno da relação entre práticas sociais e espaço, bem como o trato do trabalho interdisciplinar. Tem-se como intuito criar uma situação que direcione para a captação das relações temporalmente e espacialmente localizadas.

A centralidade do estudo da imagem aqui, portanto, busca subsídio na noção de Schwarcz (2014) de perceber as imagens não só como reprodutoras (produtos), mas como contribuintes para produção do contexto em que se inserem. Há vistas não para o trato da imagem como ilustração ou adornos que exemplificam conclusões estabelecidas, mas para leituras e para produções de imagens, nesse caso, imagens do cotidiano, que favoreçam a reflexão sobre as diversas formas de produção, circulação de imagens, bem como o entendimento do que a fotografia é para o outro. Assim, como afirma Schwarcz:

[...] penso que é chegada a boa hora de ‘lermos imagens’ em sentido paralelo ao que destrinchamos um documento amarrotado, um texto clássico, um documento cartorial, uma notícia de jornal. A ideia central deste artigo é, assim, quase ingênua, se não fosse “atrevida” na provocação que ela pretende instigar: vasculhar usos de imagens não como ilustrações, mas como documentos que, assim como os demais, constroem modelos e concepções. Não como reflexo, mas como produção de representações, costumes, percepções, e não como imagens fixas e presas a determinados temas ou contextos, mas como elementos que circulam, interpelam, negociam. (2014, p. 392-393).

Quanto ao uso da representação no presente texto partilho da proposta de assumir o conceito na sua noção enquanto um processo e relação e não como algo fixo. Nesse sentido, inclui-se nesse conceito: cultura política, sistema de intercâmbios e transferências de valores, imaginários utópicos e realidades pragmáticas. “Nesse processo, e como veremos, um conjunto amplo de imagens terá grande relevância. Dessa vez, porém, elas conduzem à reflexão, e não o contrário” (SCHWARCZ, 2014, p. 394). Baxandall (1991) chama a atenção para uma relação dialética entre imagens e seu contexto,

afinal percebe que capacidades visuais desenvolvidas no decorrer de experiências da vida cotidiana tornam-se determinantes do estilo do pintor e que o contrário também é recíproco. Nesse sentido, percebo a viabilidade de criar uma correspondência da assimilação da afirmação do pintor como o turista que produz suas imagens, ainda que seus interesses e atuações não sejam coincidentes. As imagens não são apenas registros imediatos do seu momento histórico, isto é, não são neutras, mas ajudam a formar percepções coletivas, criar conceitos difundidos, selecionar registros de realidade (SCHWARCZ, 2014). Dessa forma, situar a produção de imagens dos turistas implica refletir sobre o contexto em que imagens foram produzidas, mas também dialogar com convenções formais que as atravessa.

Nessa relação de mútua definição entre as imagens e o contexto, é importante salientar que abordar a importância do contexto ou a importância da obra (no caso, das imagens produzidas pelos turistas) não há necessariamente uma coincidência. Clark (2007), ao debater sobre produção e exposição do quadro de Marat, mártir da Revolução Francesa, de Jacques-Louis David, salienta que a matéria-prima para a obra de David se assenta justamente nas minúcias da política. Isso nos conduz à oportunidade de afirmar que, dessa forma, a imagem também assume seu caráter político. Se para Clark (2007, p. 103), “David era um político”, afirmo que Marat também o foi. Dessa maneira, a análise das imagens se vale da seguinte afirmação de Schwarcz:

Há qualquer coisa de previsível, mas também de misterioso no ato de analisar imagens. Por um lado, tudo parece fácil, já que não há quem não possa “ver” e assim admirar uma obra de arte. Mas da mesma maneira como se deixam compreender de imediato, essas mesmas obras carregam lá seus segredos, genealogias e historicidades que pedem calma e cuidado: mais do que apenas “olhar”, quem sabe seja bom começar a “ler” imagens. (2014, p. 423)

Se por um lado, é chegada a boa hora da “leitura das imagens”, considero, ao mesmo tempo, a viabilidade de experimentação por imagens que abordem conexões entre o visível e o invisível, afinal considero a viabilidade de estimular reflexão da imagem como representação e como apresentação. Busco, portanto, tratar as imagens como documento de um jogo de imaginações e interações, isto é, como expressão e documento do imaginário

social, assumindo a autoridade e as responsabilidades que me cabem ao longo do presente trabalho. Proponho tomar nota de um contraste do que se vê e o que não se vê. A ideia é tencionar, por meio de experimentações visuais, algumas convenções em torno das imagens. Se o caráter documental da imagem cumpriu e cumpre papel relevante na história da Antropologia há, também, argumentos ao longo desse desenvolvimento para pesquisas que se coloquem a se valer de imagens para criar com o “real”. Taussig (2011) salienta que o processo de investigação científica dialoga com duas fases: uma pertencente à lógica imaginativa da descoberta e outra da disciplina da prova. A exemplo de Taussig, a proposta é, também, se aproximar da lógica imaginativa da descoberta se valendo do devaneio e misturando mundos internos e externos. Esse esforço de jogar com a linguagem é uma ocupação das fronteiras: da vigília e do onírico, da ordem e da desordem, da realidade e da ilusão; de tocar com os olhos. Afinal, no esforço antropológico de compreender “culturas” a “realidade” humana será uma representação de representações, isto é, uma inevitável interpretação desses mesmos fatos que ao Cientista Social lhe sobre a recolha de “pedaços” e “fragmentos” da “realidade” (ALVES E SAMAIN, 2004).

Como em um mergulho no tempo trato de atuar com combinações que, por sua vez, não se orientam para a busca de algum tesouro perdido, mas de construir um olhar para os intervalos, os entremeios. Isto é, questionar se uma mala de viagem pode, nesse contexto, ser um baú de tesouros.

Dentro dos termos de Benjamin (2006), podemos pensar em imagens dialéticas que produzem e evidenciam tensões e contradições a partir das montagens de tempos e, por sua vez, tencionam com o modelo aditivo da historiografia progressista. Um pensamento que inclui movimentos das ideias, mas também sua imobilização, do qual – quando pausado repentinamente – se comunica um choque de tensões (BENJAMIN, 1986). A justaposição de extremos radicaliza suas tensões e nos convoca a exercitar o estranhamento do ordinário e do extraordinário enquanto caminho epistemológico para a Antropologia. Ou ainda, de maneira análoga, propormos os deslocamentos possíveis pelas fronteiras ou entre ficção e realidade, como sugerem Bourdreault-Fournier, Hikiji e Caiuby Novaes (2016).

Adequo, assim, a tônica para a noção de movimento de ideias na

associação de imagens com outras ideias que produzem e circulam imagens cruzadas. Dessa forma, elaboramos considerações sobre a ação social do turista, mas também da ideia que imagens são viajantes, ciganas, ou seja, “imagens têm autoria, tempo e agência” (SCHWARCZ, 2014, p. 394). Pensemos a imagem como um processo vivo que participa de um sistema de pensamento no qual devemos nos atentar a relação dialética entre o visível e o invisível, sem reduzi-la a um pensamento único e universal, ou ainda, como lugar final em que a memória se deposita. Deixemo-nos ser conduzidos pela inquietude produzida a cada imagem. Se a imagem arde como nunca no contexto contemporâneo esse valor está associado, como afirma Didi-Huberman (2012), à força de impressão, que a mesma tem desenvolvido, no universo estético, técnico, cotidiano, político, histórico.

Ao lidar com a imagem devemos estar atentos que quanto mais potente o holofote de luz utilizado na produção ou circulação de imagens, mais sombras se apresentam diante de nós. Num mundo que incendeia as imagens criamos, por um lado, a chance do contato com as cinzas, mas, por outro, a eventualidade de queimaduras com o calor do fogo. Estamos diante da necessidade de olharmos cada imagem do mundo contemporâneo considerando o que permitiu que elas fossem ou não destruídas, afinal vivemos num contexto em que o descarte orientado pela relação dialética entre produção e circulação se tornou habitual. Por isso o olhar para seleção e circulação de certas imagens, bem como a exclusão de outras exigem atenção e não são processos simplesmente aleatórios (SCHWARCZ, 2014).

Em *Cascas*, Didi-Huberman (2013b) percebe que em uma das imagens de seu ensaio produzido em Auschwitz há um passarinho, passarinho que, sem saber, repousa entre duas temporalidades: a barbárie e a cultura. É perante essa percepção que me ocorreu especular Arraial D’Ajuda como um arraial d’imagens produzido por determinados turistas, turistas que repousam - dessa vez - numa prática turística que relaciona mutuamente a barbárie e a cultura. Percebo o arraial d’imagens como algo que circula entre o imaginável e o representável e mutuamente o inimaginável e o irrepresentável e, que, portanto, devo imaginar apesar de tudo, como sugere Didi-Huberman (2013b).

Feldman (2016) afirma que não se trata, bem como faz Didi-

Huberman (2013a), de negar o inimaginável e o irrepresentável da ordem da experiência traumática que cada uma das situações possa suscitar, mas trata-se de negar o inimaginável e o irrepresentável como norma, dogma e imperativo, ou seja, que são evocados por “estéticas da negatividade” e manipulados por negação de fatos históricos. Por isso, reafirmo num posicionamento político, imaginar apesar de tudo. Ao longo desse esforço me proponho a pensar por e com imagens com o norte e expectativa de assumir responsabilidade em “tornar visível a tragédia na cultura (para não aparta-la de sua história), mas também a cultura na tragédia (para não apartá-la de sua memória)”. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 214).

ETNOFICCAÇÃO SOBRE ARRAIAL D'IMAGENS

O turista e seu olhar é construído e reelaborado de acordo com relações estabelecidas no que envolve uma vasta quantidade de práticas sociais. Nesse sentido, é fundamental notar que não há um turista único e universal, afinal essa ideia é produzida pela diferença. Dessa maneira, falamos de turistas e de diferentes olhares dentro de um turismo multifacetado e associado a outras práticas presentes vida social. Por isso, apesar de valer de Urry (1996) no sentido de pensar o olhar de diferentes turistas enquanto algo socialmente produzido no que é turístico e no que não é turístico, também identifico a relevância de considerar tal reflexão diante das diferentes percepções que esses próprios turistas podem produzir individualmente e nas relações com outros turistas e outros não-turistas. Em outros termos, há de considerar uma abordagem preocupada em pensar uma experiência com uma marca pessoal e narrada a partir desses próprios agentes sinalizados. Fedrizzi (2020) recorda sobre a importância de em algum hiato possível entre a concepção entre “nós” e “eles” não entender o outro como alguém desprovido de subjetividade, mas como parte de uma diferença que permite aproximações e relações entre quem entrevista e quem é entrevistado, por exemplo.

Se não há um esforço de traçar uma suposta ideia de comportamento geral, há, por outro lado, a sinalização de especificidades e do que é comum dessa prática turística por meio dos olhares que contrastam e que também podem consonar. Assim as diferentes experiências turísticas consideram as

intersecções e a complexidade de definir não em esquemas que generalizam, mas o que Mafessoli (1995) traz como estilos. Estilos que unem as diversidades que ao invés de fragmentar liga essas diversidades por pontos – esse é o caso de como penso o turista paulista. Certamente não esqueçamos de que marcadores sociais da diferença, como por exemplo, gênero e classe permanecem ali contidos, afinal a construção das preferências dos grupos sociais, como afirma Rufino (2006) desenvolvem considerando lugares visitados e como afetam a sociabilidade de um turista no seu ponto de partida e no seu ponto de visita, de forma que o “ser visto e ver” , ou ainda, o que é fotografado ou deixado fotografar está inscrito nessa reflexão. Sobre tais intersecções e complexidade em um desenvolvimento temporal e local da atividade:

Até o século XIX o acesso à viagem era em grande parte reservado aos homens. Isso mudou, porém, com o desenvolvimento das “viajantes vitorianas”, algumas das quais visitavam países que, naquela época, eram considerados “incivilizados” e “desconhecidos” (ver Enloe, 1989: cap. 2). Outras mulheres aproveitavam-se das excursões organizadas por Cook. Escreveu certa mulher: “Nós nos aventuráramos a qualquer lugar, tendo um guia e um guardião como o sr. Cook” (cit. Em Enloe, 1989:29). A partir de então, o acesso às férias não foi distribuído com tamanha desigualdade quanto o acesso a algumas outras formas de lazer, sobretudo o tempo de lazer gasto em um *pub* ou em um bar. As férias dos membros das classes trabalhadoras nos balneários ingleses de beira-mar normalmente eram gozadas por casais. Além do mais, o fato de que essas férias ocorreram em primeiro lugar na industrial Lancashire foi, em parte, o resultado dos altos níveis de presença de mão-de-obra feminina na indústria têxtil de algodão, principalmente na tecelagem. Isso significava que os ganhos de uma família eram mais elevados do que em outras áreas e as mulheres opinavam mais sobre sua distribuição. Existe, portanto, uma noção de que o desenvolvimento das férias baseadas em um casal tem sido um mecanismo importante para reduzir algumas das desigualdades óbvias do acesso ao lazer entre sexos e é algo que, em parte, tem resultado das atividades econômicas das mulheres. (URRY, 1996, p. 189)

No caso da presente pesquisa destaco que logo após a publicação nas redes sociais da minha intenção com as entrevistas, notei um maior engajamento e disponibilidade para conversar sobre suas viagens e fotografias de Arraial d’Ajuda por parte de mulheres. Esse fato não apenas coincide com

um maior número de mulheres entrevistadas – foram prospectadas dezesseis potenciais pessoas em que onze eram mulheres, ao final as entrevistas ocorreram com cinco mulheres em um total de sete – como reverberou de maneira decisiva na quantidade e qualidade das fotos coletadas. Aquino (2014) não fala apenas de uma indústria fotográfica que direciona sua publicidade para públicos que diferenciam em termos de gênero, idade e posição social como faz uma análise refinada sobre a marcação de gênero na prática amadora da fotografia ao longo do tempo. Se no século XIX a prática foi destinada a seletos grupos de fotógrafos, o século XX coloca em cena o fotógrafo amador – muito impulsionada pela presença da Kodak na vida familiar considerando suas propagandas:

Os anúncios utilizam slogans e imagens que incitam o consumidor quanto a sua imprescindível participação na feitura e no uso do produto fotografia e, especialmente, quanto à simplicidade e à facilidade, confortos dessa mercadoria. Um aspecto a ser observado com relação às imagens utilizadas nos anúncios é o modo como o fotográfico faz-se assunto que supostamente representa ou o fotógrafo em ação, ou as fotografias feitas por ele. No primeiro caso, muito do que é trabalhado nos primeiros quarenta anos da publicidade da Kodak aponta para uma prática a ser assimilada – portar uma câmera, saber como posicioná-la, aprender um jogo de corpo que comporte a prática de ser fotógrafo e suas facilidades. No segundo, trata-se de fotografias e ilustrações planejadas para se aproximar do cotidiano e da tomada feita pelo público amador, como cenas plausíveis nos snapshots das férias (AQUINO, 2014, p. 70)

E, continua:

Assim, como já mencionado, desde o início a Kodak utiliza slogans como *Kodak Photography is easy Photography* e *Photography is easy*, ou ainda *Kodak simplicity* e *The easy Kodak Way*, evidenciando um turista em terras distantes ou de difícil acesso. As ilustrações mostram o fotógrafo amador portando facilmente sua câmera, sem grandes chances de cometer erros, como sugere o anúncio no qual a mulher é carregada por um riquixá no Japão. (AQUINO, 2014, p. 72)

Nesse sentido, se a fotografia acaba por ocupar um espaço na vida doméstica, será a mulher, muitas vezes em tons pejorativos que será a responsável por produzir memórias familiares, afinal de contas, como sinalizado, no imaginário das propagandas as câmeras e filmadoras seriam tão

fáceis de manusear que até uma mulher seria capaz de tal feito. Esse emblema que dá força a Kodak Girl cria uma ideia de representatividade e representação na medida em que a mulher nos termos de não fica associada a uma posição profissional e, sim, numa prática associada aos momentos de lazer, mas que, por sua vez, diz também sobre uma mulher que apresenta crescente participação no meio social. Ou seja, é uma personagem que contribui decisivamente para associação do uso do dispositivo como parte da experiência de viagens turísticas na sociedade moderna – há uma “noção de prazer e satisfação desvelada pelo sentido enunciado no *One-half the world now knows how the other half lives*, consumindo o turismo à procura de vistas e lugares a fotografar”, (AQUINO, 2014, p. xx).

Dado o contexto, apresento as escolhas metodológicas para apreciação do debate. Inspirado em Graburn (1989) que pensa o turismo em termos de uma jornada sagrada que passaria por três estágios: a separação (deslocamento a partir da residência), a liminaridade (o período da viagem) e a reintegração (retorno), penso em três grandes eixos temáticos que são nos termos de Alves e Samain (2004) utilizados nos *modelos de apresentação* que favorecem uma leitura estrutural, já que a utilização de pranchas de temáticas¹⁰ - com algumas imagens *cropadas* ou não pelo autor – é colocada a relação com os eixos. Sobre os tais eixos, informo assim:

1. Ponto de partida
2. Deslocamento entre pontos
3. Ponto de chegada
 - 3.1 Hospedagem
 - 3.2 Deslocamento em Arraial
 - 3.3 Bares, restaurantes e festas
 - 3.4 Pontos turísticos cultural e/ou histórico
 - 3.5 Pontos turísticos natural e outros

*Adicional: presença pessoas

¹⁰ BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. **Balinese character: A photographic analysis.** New York: New York, 1942.

Além disso, cabe destacar que num processo experimental avalio por conta da narrativa construída a possibilidade de leitura sequencial na associação de pranchas. Levanto tal ponto, pois proponho-me a resgatar e apresentar cada entrevistado como uma história que está inteiramente apoiada nas suas falas durante as entrevistas, mas que se associa as imagens disponibilizadas por outros entrevistados formatando uma etnificção que contrapõe justamente com a ideia de ilustração. Se as falas que dão voz para a história escrita e as imagens não pertencem aos entrevistados que lhes falam, logo a associação entre texto e imagem não pode ser uma ilustração da segunda em relação da primeira, mas um outro processo de produção de conhecimento por e com imagens. Por fim, como as pranchas respeitam os eixos temáticos e estão associadas por história de cada agente que fez sua viagem passando por Arraial d'Ajuda em dado período, a maneira como apresento leva em conta a tratativa das pessoas com a inicial A e um número correspondente (exemplo: A1) – de maneira que a associação entre o agente e suas pranchas pode ser compreendida conforme exemplo abaixo:

Agente 1 + Prancha sobre eixo temático 1 + presença de pessoas = A1 / 1*.

AGENTE 1

A quantidade de vezes que alguém visita um lugar é um importante sinal sobre como há uma identificação com o lugar. As narrativas certamente são alteradas ao longo do tempo, mas a coleta de relatos recentes, bem como imagens trazem aspectos significativos sobre uma experiência que ocorre a cerca de 1.500 quilômetros de casa.

APRESENTAÇÃO DE AGENTE

Mora em São Paulo/SP atuando como T.I. Possui cerca de 45 anos e visitou Porto Seguro/BA por pelo menos oito vezes. Sua primeira ida foi em 1996 durante uma formatura escolar e sua mais recente em janeiro de 2020. Não tem a posse de fotografia impressas mais antiga, pois afirma que isso ficou sob posse da ex-mulher. Além disso, já fez viagens acompanhado e sozinho e não se considera uma pessoa que tira muitas fotos, afinal entende que “gravar” na memória e aproveitar a viagem é mais importante.

NARRATIVA

Sou da área de T.I. e moro em São Paulo/SP. Cara, já fui pra Porto Seguro/BA, por baixo, 8 vezes. Fui a primeira vez em 1996 durante uma viagem de formatura quando tinha 16 anos. Tenho até um amigo que na época montou uma pousada em Arraial. Lá era rua de terra e sempre foi um público bem diferente de Porto. E olha que interessante, primeira vez que fui era tudo no gerador. Assim, você atravessa a balsa e é outra coisa. Hoje é um lugar mais caro, mas ainda acaba valendo pelo custo x benefício: tem uma boa estrutura, boas festas, povo descolado. Não é como em Praia Grande/SP ou um pacote de companhia de viagem. Há gente descolada, inteligente e tem gente de várias idades. Sem contar que a localização é ótima: tá perto de Trancoso, e Caraíva fica no caminho. Eu só não fui embora daqui, porque o dinheiro tá aqui. Não é pra se gabar e mesmo com os perrengues daqui, no final do ano estou viajando para passear lá, entende?!

Já fui em várias datas (Natal, Ano Novo, julho, maio, setembro...) e de várias formas para lá. Já fui sozinho, acompanhado, com algum amigo e até em galera. Só não dá pra deixar de ir, o pessoal é receptivo também. Claro, se

você deixa pra última hora fica mais caro, mas com planejamento fica mais tranquilo. Minha última viagem custou R\$3.000,00 reais – e se você pesquisar direito, tem promoção de vôo, por exemplo, de R\$500,00 conto. Agora pensa, ir para o litoral norte de São Paulo, passar um final de semana, é R\$500,00 conto só hospedagem. Com essa grana prefiro ficar uma semana no Arraial. É a praia mais bonita do Nordeste? Não, mas ainda assim vale.

Minha relação com turismo e com as fotos lá mudaram ao longo do tempo e é diferente do comum. Único que as companhias fazem bastante e vou é na Igreja quando dá certo. Até na última vez tirei uma foto lá e usei como perfil das minhas redes. Não costumo tirar muitas fotos. Não tenho 300 fotos. Eu aproveito mais a viagem do que tiro foto. Gravar na memória é muito mais importante do que mostrar uma ou outra pra amigo ou sei lá. Pensa, 10 minutos perdendo para tirar uma foto e a gente nem ganha dinheiro com isso como o pessoal da internet. Tiro só pra registrar e prefiro olhar o mar e tomar uma caipirinha. Claro, antes já gastei mais tempo com foto. As mais antigas e impressas estão com minha ex-mulher e nem sei se ela jogou fora. Mas vira e mexe acaba aparecendo algo de algum amigo também.

Cara, Arraial é um lugar que meu coração ficou lá e até fico pensando em ir pra lá e, inclusive, por isso penso que o que quero deixar ainda não foi feito. Penso em contribuir com um empreendimento, mas agora não é o momento ainda.

PRANCHA 1 (A1 / 1*)

01 – A primeira foto pode funcionar como uma maneira formal de marcar o começo de uma viagem.

PRANCHA 2 (A1 / 2)

01 – Mar e corais são parte da paisagem e do imaginário de quem viaja para Arraial d'Ajuda.

02 – As diferentes cores do mar conforme a incidência de luz.

03 – As asas do avião evidenciam o modo de deslocamento e, por sua vez, um caminho que leva certo tempo para se chegar e seu aspecto de distinção social.

04 – A imagem aérea como uma forma de apontar que é a chegada – ou em alguns casos, a despedida – no paraíso.

PRANCHA 3 (A1 / 3.1*)

01, 02 e 03 – O lugar da hospedagem e suas redondezas são objetos de registro. Além disso, apesar da semelhança o aspecto digital das produções imagéticas permite a incidência de imagens semelhantes entre si.

04 – O tempo dedicado no lugar de hospedagem constam como elemento fundamental da viagem, afinal algumas vezes representa boa parte do orçamento e influencia a sociabilidade durante o período.

PRANCHA 4 (A1 / 3.3)

01 e 04 – As imagens semelhantes trazem a cerveja como parte de um ambiente menos formal.

02 – A cachaça local apresentada como elemento da cultura local.

03 – Uma vista geral de um dos bares visitados.

PRANCHA 5 (A1 / 3.4)

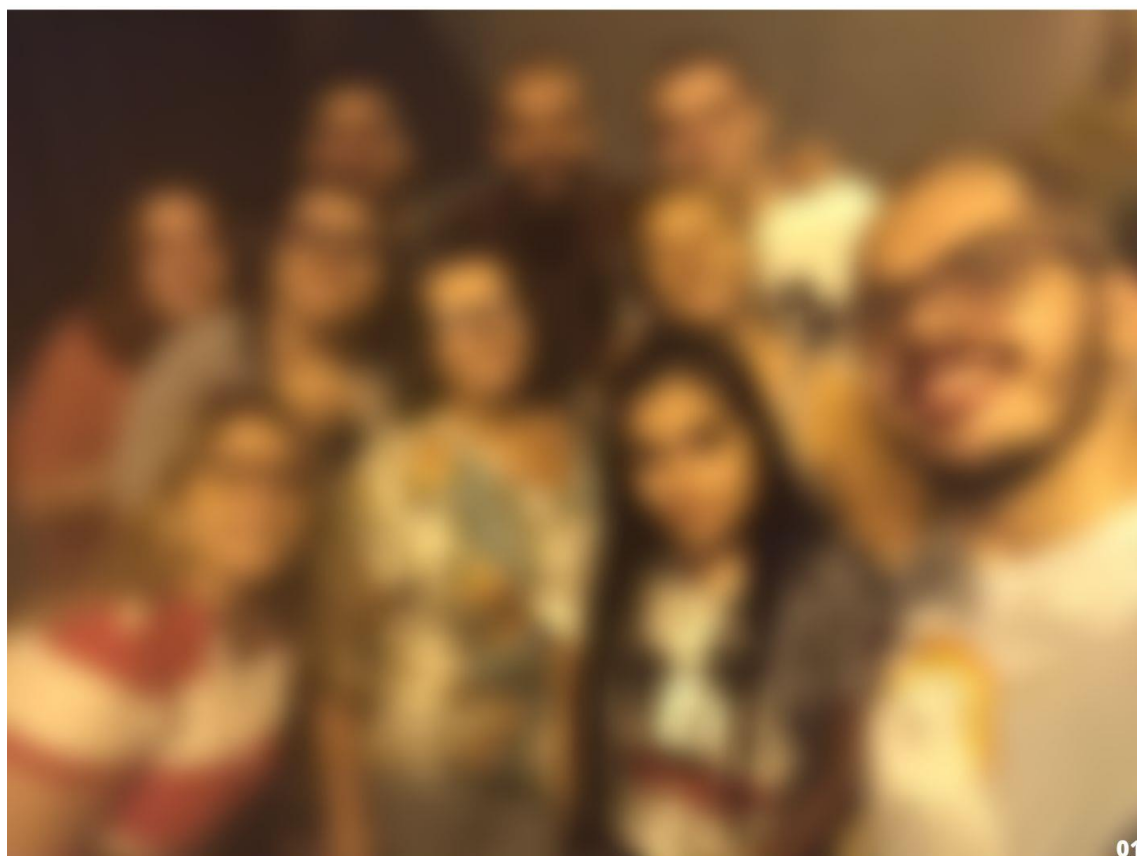
01 e 03 – Detalhes da praça que chamam para sua relação presente com o cristianismo.

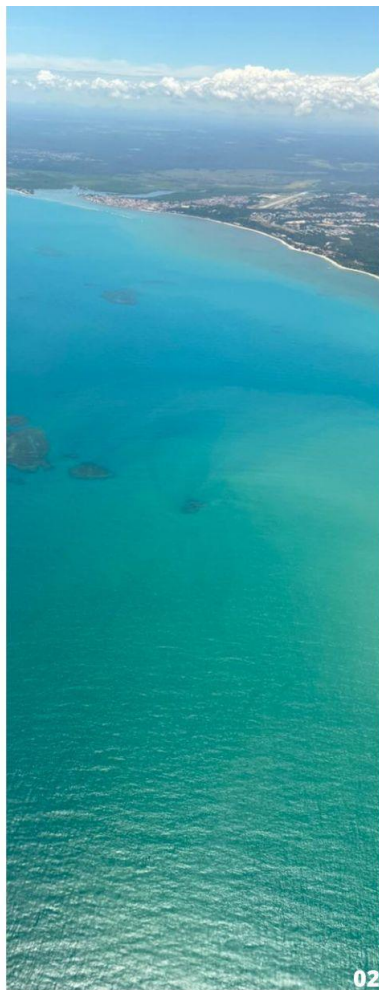
02 – A Igreja Nossa Senhora d'Ajuda é central para o desenvolvimento do distrito no decorrer da história, e continua enquanto ponto turístico.

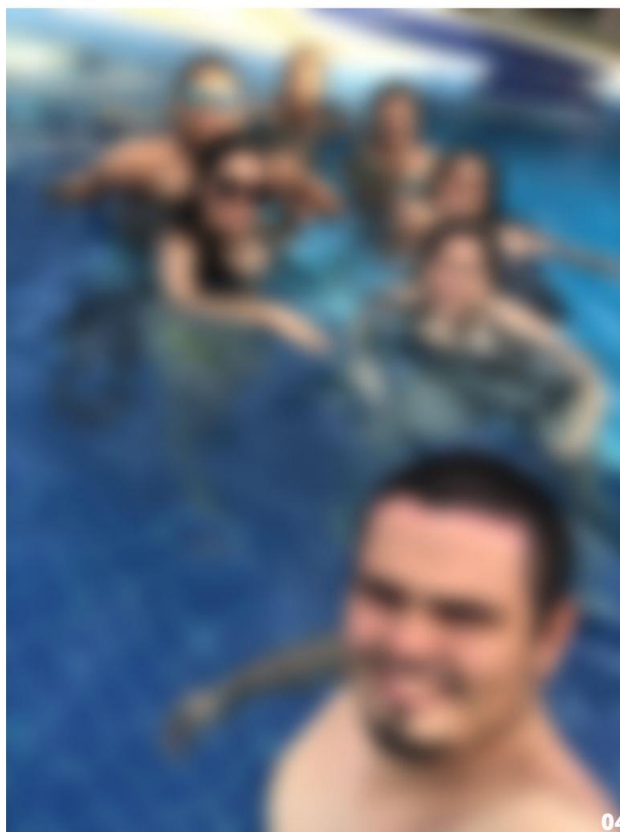
PRANCHA 6 (A1 / 3.5)

01, 02 e 03 – Bebida, porção, pé na areia e sol são elementos comuns do que significa aproveitar um dia na praia.

04 – É comum em imagens panorâmicas da praia associar areia, mar e céu, assim como suposta inexistência ou baixa presença de outros seres humanos.









01



02



03



04





AGENTE 2

Alguns eventos podem acentuar a tensão entre o ordinário e o extraordinário. A escolha de um lugar para passar a lua de mel é um deles. Além da união do casal e ainda que as perguntas de familiares sobre o lugar escolhido cessem com o passar do tempo, o casamento com tal lugar dificilmente é esquecido pelos noivos.

APRESENTAÇÃO DE AGENTE

Nascida e residente na cidade de Ourinhos/SP. Morou em Campinas/SP e São Paulo/SP para cursar a faculdade de Publicidade e Propaganda e atualmente trabalha com Marketing. Cerca de 35 anos e visitou a cidade de Porto Seguro/BA três vezes: duas quando criança e a última para celebrar a sua lua de mel. Nesse processo chegou até a buscar emprego na cidade.

NARRATIVA

Eu tenho 32 anos. Nasci e moro em Ourinhos/SP, mas formei em Publicidade em São Paulo e durante um período acabei voltando pra minha cidade no intuito de abrir um bar com meu marido. Não deu certo, retornei para São Paulo/SP e agora por conta da pandemia fiz novamente o movimento de morar em Ourinhos/SP. Então hoje trabalho com Marketing – apesar da minha família não entender direito até hoje.

Visitei a região de Porto Seguro/BA pro três vezes. Duas quando criança e a terceira pela lua de mel e foi só nessa terceira que realmente ficamos por Arraial d'Ajuda. A gente escolheu lá, porque estava bem barato pela companhia de viagem e eu gostava muito de lá. Por já ter ido, tenho uma lembrança muito gostosa. Como minha família já foi sócia de rede de camping, a gente viajava muito e por isso aquela região mexe comigo. Aí o meu marido topou o lugar também e fomos. Foi tudo um pouco corrido, porque eu não tirei férias. Tive apenas os 5 dias do casamento. Foi super legal e aproveitamos bastante, mas a gente ficou praticamente fazendo pesquisa de mercado por lá. Sempre que podíamos a gente puxava algum assunto sobre o mercado de lá. Quase ninguém é de lá, né? Todo mundo que tem algum comércio lá, a maior parte é de fora. Minas, Rio de Janeiro, São Paulo... Daí a gente pegou e ficou se

iludindo. Inclusive, isso foi uma questão engraçada que até hoje recebo alerta de vaga de lá.

Mas, enfim, a gente se hospedou em um resort por lá – que nada mais é do que um hotel que eles colocam na gente na venda sem necessidade. Se voltasse, hoje, jamais ficaria lá. Tipo, ficaria em um lugar mais perto, como, na Mucugê, por exemplo. De qualquer forma, a gente curtiu bastante a vila. Aquele lugar é mágico. A energia é muito gostosa. Se pudesse, teria ficado todos dias no meio de tudo ali. O beco das cores, os *bequinhos*, as plaquinhas, a igrejinha... nossa! Ah, e tem os barzinhos que não podem faltar. Esse era o tipo de lugar que a gente ficava um *tempão* conversando com os donos ou algo assim. E as pessoas então?! são muito carinhosas, elas têm um jeito gostoso de viver. Lembro de um *molequinho* que ficou no meu coração. A gente estava em um armazém super charmoso e ele veio vender aquelas folhas de coqueiro que eles transformam em flor. Tenho essa folha seca até hoje comigo. Só senti falta de uma coisa por lá, que doeu um pouquinho. Lá não toca, tipo, os *axézão* louco. Tipo, é muito *rolê* Porto Seguro/BA, mas não o *rolê* Arraial. Isso é muito louco, eu acho que lá não é muito o *rolê* Bahia, e eu esperava que fosse um pouco, sabe?! Enfim, não teve e foi incrível do mesmo jeito!

Talvez foi a minha primeira “longa” viagem porque sou *workaholic* e não tiro férias, não faço nada. Vivo em função do trabalho. E acho que São Paulo/SP tem muito disso. Você conversa com as pessoas e sempre tá muito corrido e pesado. Até *Happy Hour* é sobre trabalho. Nunca algo na paz. Então esses dias para mim foi uma longa viagem. Foi o momento que a gente desconectou de tudo. Até de tecnologia me desliguei. Só assim, algumas fotos eu queria muito ter – até por já ter ido antes. Aí eu tirei, né?! O restante das imagens já não foram tão pensadas. Foi mais pelos lugares que a gente foi passando, tipo, além da vila fomos para outros lugares de Arraial, como por exemplo, o parque aquático. E conforme a gente tirava, mandava algumas para a família pelo celular mesmo ou postava nas redes sociais. Tipo, lembro que tem alguns dos trajetos e do lugar que a gente se hospedou, porque era real muito bonito o lugar. A visão do mar e tudo mais. Nossa!

Ah, mas é isso, lá foi um lugar muito gostoso e aproveitamos muito. Pena que a gente tem que voltar e trabalhar, né?!

PRANCHA 7 (A2 / 3.1*)

01 e 03 – As imagens semelhantes mostram a importância da piscina no lugar da hospedagem.

02 – Muitas hospedagens oferecem possibilidades de lazer para os hóspedes dentro de suas instalações.

04 – Não apenas pontos turísticos são motivos de produções fotográficas, há outros pontos de referência, como por exemplo, o lugar em que se hospeda.

PRANCHA 8 (A2 / 3.2)

01, 02 e 03 – A travessia de balsa pelo Rio Buranhém é a forma mais comum de estabelecer o deslocamento entre o centro de Porto Seguro e Arraial d'Ajuda. Além disso, as diferentes imagens mostram a utilização de efeitos presentes na câmera ou em aplicativos nas imagens criadas.

04 – As placas rodoviárias reforçam a ideia da passagem do agente por determinado lugar.

05 – Como as imagens atravessam a dimensão de um tempo livre, informalidades, irreverências e brincadeiras podem constar nas imagens produzidas.

PRANCHA 9 (A2 / 3.3*)

01 – O registro de quem viaja narra visualmente a experiência desse mesmo agente.

02 – A Rua Bróduei reúne uma série de estabelecimentos que remetem a um aspecto histórico do distrito e são preparados para recepcionar turistas.

03 – Há alguns bares espalhados pelo distrito que agitam, sobretudo, a noite do lugar.

04 – É comum observar estabelecimentos comerciais que aliam a mensagem de aconchego e simplicidade em meio a natureza.

PRANCHA 10 (A2 / 3.4)

01 e 03 – As imagens *cropadas* reforçam a placa pendurada em duas bases de madeira que se interseccionam e apresentam a Rua Mucugê junto de seu slogan: “a rua mais charmosa do Brasil”. Além disso, é possível observar no

comparativo uma preocupação de tratamento com uma das imagens após seu clique.

02 – Cristo que fica na praça em frente da Igreja Nossa Senhora d'Ajuda.

PRANCHA 11 (A2 / 3.5)

01 – Praia de Taípe é a última faixa de Arraial d'Ajuda antes de Trancoso. Há a possibilidade de fazer o trajeto de carro, mas também de percorrer todas as praias do distrito caminhando pela faixa de areia – desde que a maré não esteja alta.

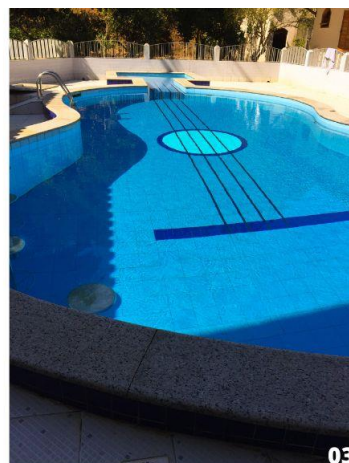
02 – Subir em uma das falésias permite uma vista panorâmica do local.

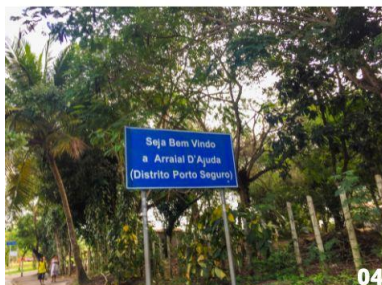
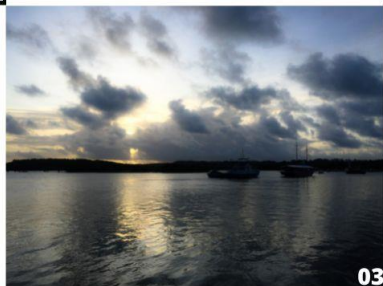
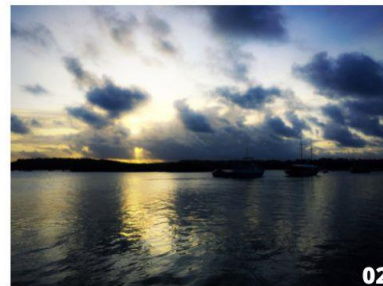
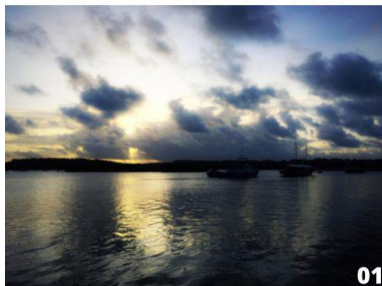
03 – Vista das falésias e sua integração com a praia.

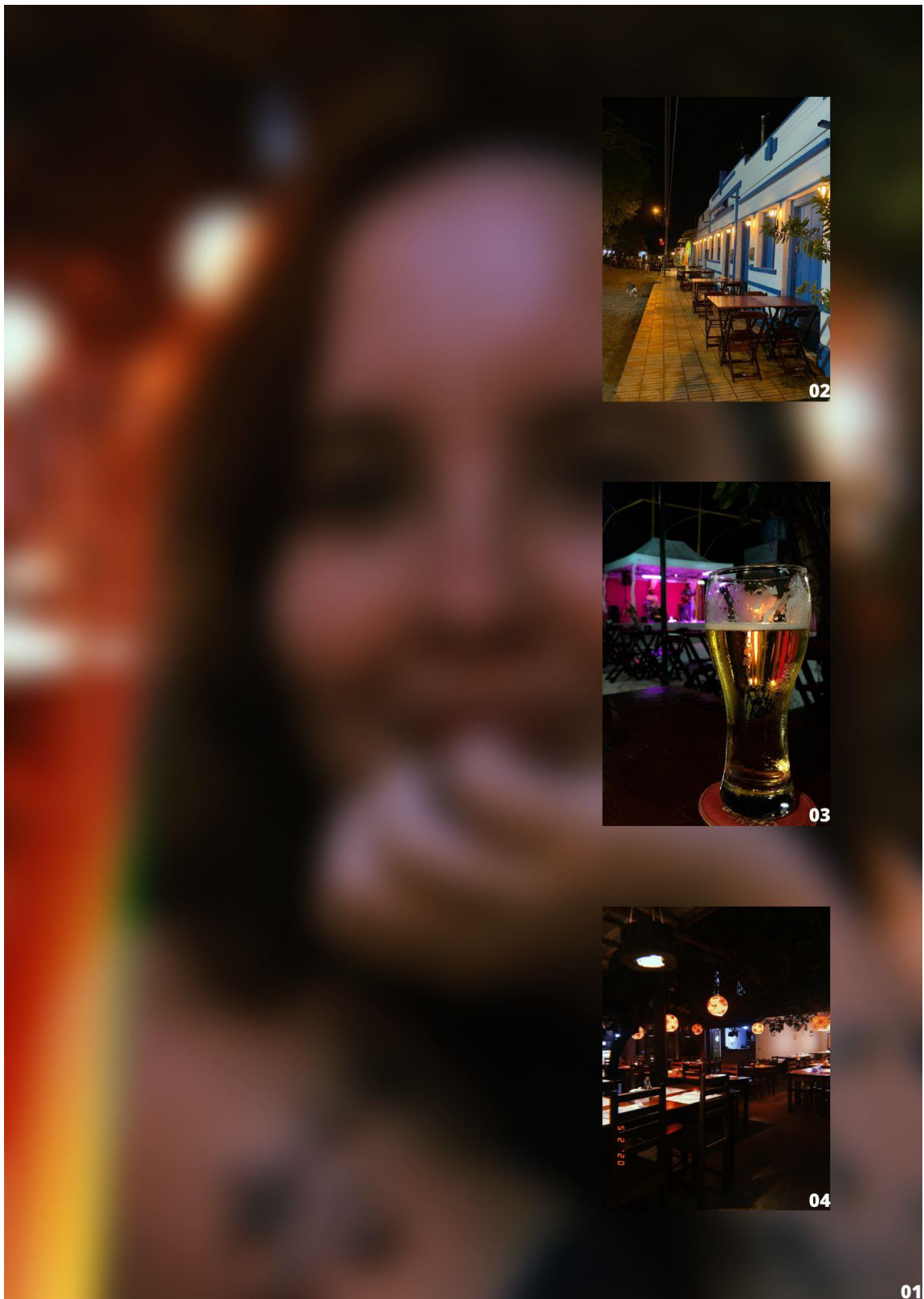
04 – As praias do lugar são conhecidas também por possuírem águas calmas.

05 – Coqueiros na praia são elementos comuns do imaginário de quem visita a região.

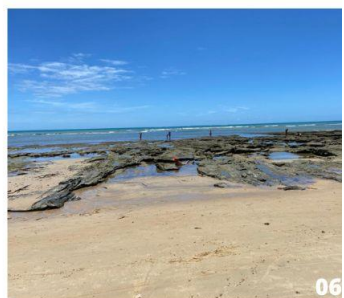
06 – A diferença na maré costuma alterar o visual de algumas praias.











AGENTE 3

Viajar de carro por uma distância aproximada de 1.600 quilômetros exige tempo, traz de maneira oportuna a reflexão sobre o deslocamento entre pontos e, nesse caso, a importância de considerar a sociabilidade entre familiares ou amigos que ocorre por conta de um tempo livre alinhado entre os integrantes.

APRESENTAÇÃO DE AGENTE

Nascida e criada em Ribeirão Preto/SP, cerca de 30 anos e clássica millennial que mora com os pais. Iniciou um curso de Química Forense na USP, mas trocou por Direito em uma faculdade particular enquanto trabalhava na área. Atualmente trabalha como gerente de vendas. Fez suas viagens em 2015, 2016 e 2020, sendo duas em família e outra em um grupo maior e sempre de carro, afinal sempre passa pelo Espírito Santo visitar alguns familiares.

NARRATIVA

Ó, eu sou nascida e criada em Ribeirão Preto/SP, tenho 30 anos, a clássica millennial, que mora com os pais, ando de aplicativo de transporte, não dirijo, fiz Direito enquanto já trabalhava e hoje sou gerente de vendas. É isso... eu trabalho o dia inteiro, e estamos aí.

Meu pai é falecido... vou contar essa história, porque a última viagem dele foi com a gente pro Arraial, e foi uma coisa muito louca, mas a gente vai ver as fotos e entra nesse detalhe. Além disso, moro com a minha mãe e com meus avós, que são os pais dela.

Já fui pra Porto Seguro/BA três vezes... a louca, né?!

Lá é um lugar realmente muito bonito e as pessoas são muito calorosas, receptivas, sabe? Então você se sente muito bem indo e junta que é muito bonito e tal, então não tem como não voltar. A minha mãe ficou tão maluca, a primeira vez que a gente foi pra lá, que ela simplesmente, até hoje, olha terrenos e casas. E ela já falou: "vou comprar uma casa lá".

Eu tenho família no Espírito Santo, né! Então a gente sempre vai de carro. As três vezes que eu fui, eu fui assim. Na volta, a gente sempre passa por Espírito Santo ver a família mesmo. A primeira viagem foi no susto. Eu ia

entrar de férias do trabalho no final de junho e não ia viajar, mas aí a minha namorada, que mora comigo desde 2014, estava olhando uma propaganda de rede social que apareceu pra ela sobre uma em Arraial D'ajuda, e ela falou: "Meu Deus, olha que pousada maravilhosa!". E era, tipo, 10 dias para 4 pessoas por R\$800,00 reais. Uma coisa muito absurda de barato, sabe?! Até achamos que era golpe, mas era promoção mesmo e acabamos alugando. Daí conversamos com minha mãe e meu irmão, que moravam com a gente na época, e resolvemos viajar juntos. Tipo, os doidos, né?! Porque são 1.500 quilômetros daqui, e aí minha mãe, falou assim: "Nossa, a gente podia fazer igual quando cêis eram criança! Vamos entrar no carro e vamos embora!". E fomos!

Fizemos a viagem em dois dias. Saímos de Ribeirão Preto umas seis horas da manhã, viajamos até às oito da noite, paramos em Governador Valadares/MG, porque Minas Gerais nunca acaba e a gente parou em Valadares/MG para dormir. No dia seguinte, saímos cedinho e fomos parar em Arraial uma hora da tarde, por aí.

Aí lembro que quando a gente voltou dessa primeira viagem, ficamos encantados. Fomos almoçar com meu pai e a gente só conseguia falar disso. E vai mostrar foto e tal, e meu pai falou: "Meu, eu quero ir nesse lugar", e aí ele disse: "Vamos ano que vem!". Dessa vez foi mais planejado. Então ao invés de ir pra uma pousada, a gente até alugou uma casa, bem maior e no final foi uma turma bem maior: o meu pai com a esposa, na época, e o enteado dele, que é muito próximo da gente... eu, meu irmão, a minha namorada e um amigo nosso. Lembro também que meu pai estava começando a ficar doente e ele já estava com algumas coisas na cabeça sobre a viagem, ele disse: "Essa é a última viagem que eu vou fazer com vocês, então a gente tem que fazer essa viagem, e tem que ser tudo muito legal..." e ele ficou falando até a gente ir e, de fato, foi a nossa última viagem. Isso foi muito louco. Por conta disso ficamos um tempo sem viajar até que em 2020 resolvemos voltar com uma turma novamente: eu, minha mãe, meu irmão, minha namorada e mais seis amigos, pra alugar outra casa também. Essa também foi mais planejada e, inclusive, a casa era gigantesca. Dessa vez a gente deu sorte, voltamos da viagem e na semana seguinte fechou tudo por lá por conta do Coronavírus – lembro até que já estava se falando bastante de Corona quando a gente voltou. Daí pra

resumir o tempo, na primeira viagem ficamos uma semana lá, na segunda viagem, foi pra ficar uma semana também, mas no último dia meu pai alugou a casa pra mais 4 dias e na última ficamos 10 dias e a gente sempre foi pro Arraial, especificamente pro Arraial mesmo.

Agora imagina, adoro tirar e editar fotos. Sou praticamente a fotógrafa oficial das viagens. Sorte que tenho tudo organizado no meu HD e online. Se eu perdesse ficaria super chateada, mas, assim, minha mãe montou um álbum com as fotos, o que não muda o fato de que sou apegadíssima a essas coisas. Na viagem a gente já começa com a clássica primeira foto: a saindo de casa. Em seguida, tem um monte de estrada porque adoro isso tudo. Acho o trajeto parte da viagem já. A coisa da gente ir conversando e comendo. Nossa! Quando chegamos também é comum ter do lugar que nos hospedamos, até porque algumas é legal de lembrar. E foto de praia tem um monte. Elas acabam ficando diferente por conta do tempo, né?! Por exemplo, se chove já muda muita a cor da água. Isso foi até importante pra planejarmos as outras viagens. Olhamos até o período da lua para correremos menos risco. De qualquer forma, pra comer o camarão na praia não precisa de muita coisa. Quem nunca tirou foto de comida pra postar nas redes sociais, né?! Inclusive, eu nem gosto de camarão.

Lá é muito lindo, mas o pessoal também é super receptivo. Tem foto do pessoal que vendia as coisas por lá e até do meu irmão com o narguilé dele na praia. Se ele não pudesse fumar, a gente nem ia ficar no lugar, imagina. Agora detalhe: pensa que na última viagem a gente foi em galera e o pessoal fumava, tipo, foi um maleiro inteiro disso. Mas nessa tem coisas curiosas que aconteceram nas viagens. Por exemplo, na praia do Mucugê a gente sempre ficava em uma barraca por conta do atendimento e teve também uma outra situação que a moça da tapioca lembrou que tinha ido um ano antes com a minha mãe – tipo, muito específico. Ah, o pessoal de lá é super criativo também, né?! Andar na Broadway com a Quinta Avenida: genial! Óbvio, fotografei. Fez um sucesso essa. Sem contar que é mais charmosa que a original. Fala sério?! Gasto meus dólares todos lá!

A gente costuma sempre passar na Igreja. Não pode faltar. Sem contar que, meu, 1549! É muito antigo. É muita história e eu amo. Daí a gente aproveita e dá uma passada no mirante que tem uma vista incrível. Outra coisa

que sempre rola é do que a gente come por lá. Tem foto, por exemplo, de um restaurante italiano que era de um italiano mesmo – e tem muito por lá, né?! – e eles fazem a massa e a pizza na hora, tipo, é tudo muito gostoso. Em todas as viagens passamos por lá. Acho que falam que lá é a esquina do mundo um pouco por conta disso. Se você quiser comida italiana, vai encontrar, se quiser argentina, vai encontrar. Até um x-gaúcho a gente já comeu lá na Rua Mucugê. É muito cosmopolita. É comum até você ver o pessoal falando em italiano, em espanhol e até em *baianês*.

Olha que coisa, só de ver as fotos penso: "eu não posso ser a única pessoa a ver isso". É a casinha colorida, as fitinhas, os becos, as praias, as falésias. Nossa, muita coisa linda lá. Mas, é isso, a gente aproveita para fazer algumas *selfies* pra registrar o momento ou mostrar para alguém. Batemos muita perna por lá pra conseguir fazer tudo, mas a gente nem sentia. É aquilo: "só vamos!"

É legal que a gente conseguiu repetir algumas coisas nas viagens, mas cada um tem seu lado especial.

Na segunda, por exemplo, foi a última com o meu pai e guardo isso com muito carinho, sabe?! A viagem até Arraial foi um perrengue só por conta do caminho que traçamos já que o rompimento da barragem de Mariana/MG super afetou a região e tudo mais, mas a gente aproveitou muito. Tudo a gente resolvia na brincadeira e rindo. Acho que foi pela atmosfera da família e chegando lá demos muita sorte com o tempo. Teve muito sol! São outros quinhentos! É aquela clássica: "sorria: você está na Bahia!"

Já na terceira, tirei menos fotos por já ter idos outras duas vezes, mas nem por isso aproveitamos menos. Sem contar a casa que a gente ficou. Nossa, muito top. E a quantidade de coisas pra narguilé que tinha então?! O pessoal gastou uns R\$1.500,00 em Ribeirão Preto/SP só com isso.

Ah, sou apaixonada por lá. E as fotos foram uma forma de eternizar esses momentos. Quando preciso ou estou naqueles dias ruins, penso muito em Arraial e olho aquelas fotos, porque eu estive lá das três vezes, com pessoas, com as pessoas mais importantes da minha vida... entendeu?!

01 – Uma viagem de carro exige uma maior atenção com o tempo de deslocamento, bem como de estadia no local. Dessa forma, aproveitar o trajeto e registrá-lo pode constar como elemento para suprir a questão temporal que a distância condiciona

02 – De qualquer lugar do estado de São Paulo para o estado da Bahia, apresenta diferentes paisagens, mas também tipos de ruas e estradas.

03 – Ora simplicidade, ora precariedade conjugam a imagem da cegada em lugar distante que não oferece a mesma estrutura da qual o turista costuma usufruir no cotidiano.

PRANCHA 13 (A3 / 3.1)

01 – A combinação de sol, cerveja e praia como elemento da narrativa visual.

02 e 09 – O olhar durante uma viagem é diferente do ordinário e estimula a observação até mesmo de detalhes que exigem um certo nível de atenção e comprometimento com o que se propõe viver no local.

03 – É comum que as hospedagens busquem forte senso de integração com a natureza.

04 – Ao acordar, um café da manhã e seu registro imagético podem ser uma boa maneira de começar o dia no paraíso.

05 – Os caminhos entre pontos também aparecem em imagens.

06 – Outra refeição com o registro fotográfico para manter o ritual.

07 e 08 – Sobretudo quando parte do orçamento está dedicado na hospedagem, aproveitar as instalações fazem parte da experiência.

10 e 12 – Dependências de uma hospedagem.

11 – “De pernas para o ar” é um ditado que pode acionar de maneira visual para mostrar o quanto o momento está sendo aproveitado.

PRANCHA 14 (A3 / 3.2*)

01 – Além da via terrestre, há, em determinadas situações, a possibilidade de deslocamento pela via marítima. Outro elemento presente é a possibilidade de conhecer outras pessoas que estejam conhecendo a região.

02 – Da balsa até Arraial d’Ajuda turistas e moradores compartilham transportes coletivos, como por exemplo, vans.

03 – Infraestrutura viária costuma compor a narrativa de um vilarejo isolado e ligado à natureza.

PRANCHA 15 (A3 / 3.3*)

01 e 03 – A bebida como indicio de como e com quem a viagem está sendo aproveitada.

02, 04, 05, 06 e 08 – Os pratos como registro de uma ideia de culinária local ou típica.

07 e 09 – A presença de vínculos durante a viagem costuma ser evidenciada e registrada com outras pessoas que estejam em condições de quem visita o lugar.

PRANCHA 16 (A3 / 3.4)

01 e 03 – A Igreja da Nossa Senhora d'Ajuda além de um marco histórico do lugar, continua sendo utilizado para atividades religiosas.

02 – A placa de fundação da igreja que demarca o apelo histórico do monumento.

04, 05 e 06 – O mirante localizado atrás da igreja é também um espaço destinado para que turistas façam pedidos e amarrem fitas coloridas.

07, 08 e 09 – Há muitas placas e desenhos coloridos com mensagens positivas espalhados pelas ruas com maior fluxo turístico. Alguns em locais públicos e outros criados por estabelecimentos comerciais.

PRANCHA 17 (A3 / 3.5)

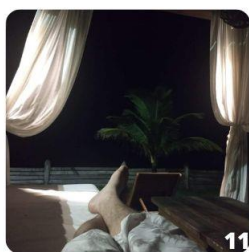
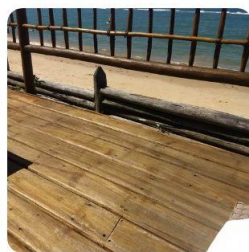
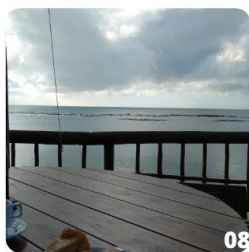
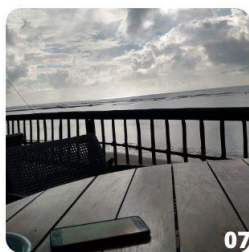
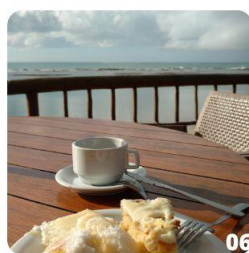
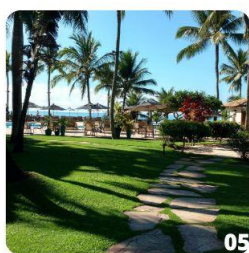
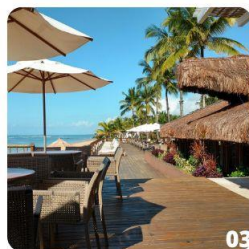
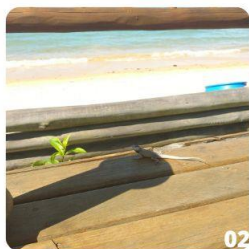
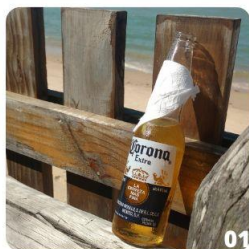
01 e 03 – As praias são costumeiramente registradas e apresentam alterações na paisagem também pelos fatores do tempo.

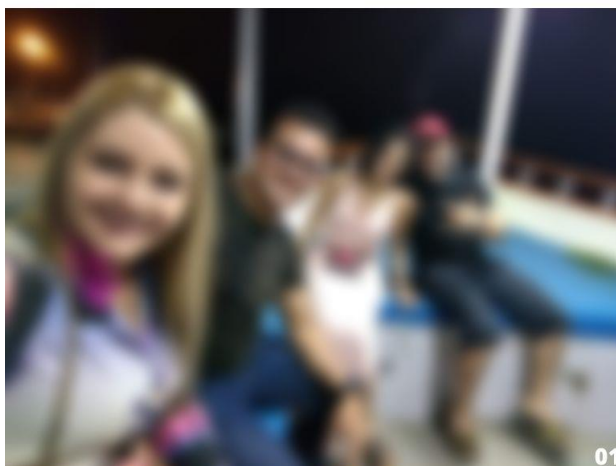
02 – Os estabelecimentos que ficam na beira da praia estão centralizados em algumas praias, como por exemplo, praia do mucugê e oferecem certas comodidades para os visitantes.

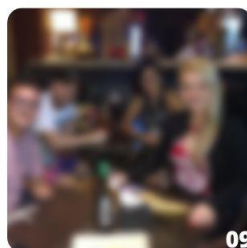
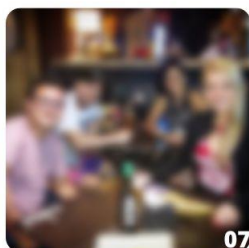
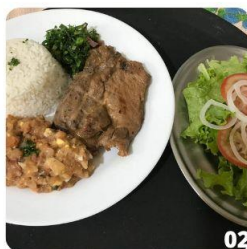
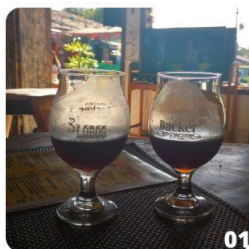
04, 05 e 06 – Ambientes privados, mesmo em dimensões artificiais, costumam valorizar o ideal de lugar paradisíaco.

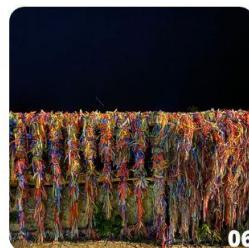
07, 08, 09 – Apesar da semelhança, as imagens são diferentes. Apenas produzidas em uma sequência de cliques e a justificativa está na garantia do registro e na possibilidade de escolha posterior da “melhor” imagem.

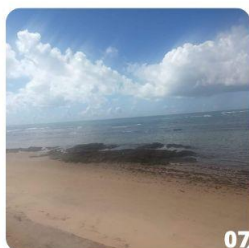
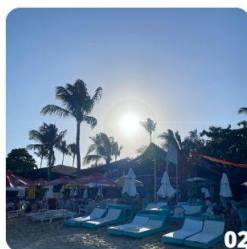












AGENTE 4

Apesar do imaginário de determinados lugares o fator situacional também traz elementos condicionamentos, como por exemplo, o preço de uma viagem, valor de uma hospedagem ou até o período do ano em que se pode viajar. Dessa forma, considerar como alguns agentes podem contribuir na maneira como a experiência turística traz traços centrais sobre a sua especificidade relacional.

APRESENTAÇÃO DE AGENTE

Com cerca de 35 anos, nasceu em Catanduva/SP e atualmente reside em São José do Rio Preto/SP – cerca de 60 quilômetros de distância. Além disso, também já morou em outro país Auckland/Nova Zelândia. Licenciado em educação física e mestre em Estudos do Lazer. Trabalha como professor de Educação Física e como arquiteto. Já foi chamado para trabalhar como gentil organizador em uma empresa de lazer na cidade de Porto Seguro/BA, mas fez sua viagem apenas de fim de ano em 2016 com um amigo.

NARRATIVA

Sou do interior de São Paulo. Moro em São José do Rio Preto/SP, mas nasci em uma cidade vizinha: Catanduva/SP. Tenho 34 anos e trabalho como professor de educação física e arquiteto e... acho que é isso.

Morei um tempo fora do Brasil e aí quando vim pra cá, acabei ficando em Catanduva, mas a ideia era ter ido pra Trancoso trabalhar em uma empresa de lazer por lá, mas apesar de me ligarem algumas vezes acabei não indo. Depois disso a vida acabou me levando para Rio Preto mesmo.

Aí a primeira vez que acabei indo para Porto Seguro/SP – e também para o nordeste – foi em 2016 em um passeio de final de ano que fiz com um amigo e ficamos por uns 10 dias. Inclusive, essa viagem não teve muito planejamento. A gente decidiu alguns dias antes e aí a gente foi de avião que saiu daqui mesmo. Então foi muito o destino que estava disponível e que cabia no orçamento, na época. A gente ficou todos os dias hospedados e fazendo as visitas a partir de Cabralia. Então com Arraial foi assim também. Nesse caso, a

gente chegou a usar o transporte coletivo, mas fomos para lá por mediação do hotel que ajudou no esquema de traslado – eles fazem a mediação com algumas empresas. Há até alguns pacotes de empresas bem grandes que fazem o mesmo trajeto. Você até consegue ver os ônibus com as logomarcas espalhados. Nisso até conhecemos uma menina de São Paulo/SP, que foi sozinha, porque ela estava só e era uma viagem, tipo, de terceira idade, sabe?!

Então por conta do deslocamento e tempo passamos um dia por Arraial. Eu não vou lembrar só o nome dos lugares, mas teve o passeio da igrejinha, que... foi o que eu mais gostei, assim. Aí... ali do lado tinha um café também super legal... uma proposta arquitetônica super... com paisagismo... lembro das casas super coloridas... e lembro que foi o mar que eu mais gostei também, foi um mar tranquilo, diferente de Trancoso, que estava do lado, mas a gente pegou um mar mais agitado. Na verdade, fui pego meio de surpresa, assim... eu não tinha pesquisado nada antes.

Sobre o dia, então passamos a primeira parte na praia, e aí depois a gente foi, almoçou ou comeu, assim, na praia, aí depois foi pra igrejinha e aí ficamos um tempão nesse café, porque fiquei apaixonado por esse café, ficamos o resto do dia lá.

Vou te mostrar as imagens, mas tá um pouco difícil de abrir no computador que não uso mais e o celular que tirei na época eu não tenho mais. Há uma pasta compartilhada com arquivos online que fiz com esse meu amigo, mas não estou achando. Olha, em outros tempos eu entraria em pânico de perder essas fotos. No meu antigo computador há muitas fotos, mas dessa viagem especialmente eu acho que não ficaria muito triste se eu perdesse, não. Lógico, ia lamentar, mas na minha escala de prioridade não, não ocupa o *top five*.

Até publiquei alguma coisa nas minhas redes sociais, mas antes a gente postava menos por conta do formato de publicação.

[...]

Aí, então, o computador aqui tá rodando, rodando, rodando aqui, mas não vai rolar mesmo. Posso dizer então que foi uma viagem bacana e me fez ver a praia de uma forma um pouco diferente. Inclusive, fazia um bom tempo que não ia para a praia. Sem contar que lá foi um lugar que cogitei morar, até pelo fato do que mais me irrita aqui em Rio Preto é a questão do clima, óbvio, e

do trânsito. Lá, apesar do calor, há a possibilidade de caminhar e ter uma vida mais tranquila. Só me pega pensar na falta de infraestrutura da saúde por lá, né? Ah, eu moraria na praia, mas precisava pensar nessas coisas.

AGENTE 5

Comparar o ponto de partida com o ponto de chegada é um inevitável construído dentro do repertório de cada agente. Pensar sobre o “outro” é também uma maneira de quem pensar o “eu” no lugar visitado, mas, também, no lugar de residência.

APRESENTAÇÃO DE AGENTE

Nascida e residente de São José do Rio Preto/SP. Com cerca de 40 anos, é educadora física e trabalha como personal trainer. Identifica que o que faz da vida é cuidar e esse é um propósito que lhe dá prazer. Acumula cursos em nutrição esportiva, suplementação e psicologia do esporte, de maneira que está no curso que era sua primeira opção na época de colégio: Psicologia. Sua visita para Porto Seguro/BA ocorreu no final do ano de 2020 sendo realizada com uma amiga.

NARRATIVA

Nasci e moro em São José do Rio Preto. Sou formada em Educação Física e trabalho como personal trainer. Já fiz algumas especializações: nutrição esportiva, suplementação e psicologia do esporte. Hoje faço a psicologia, que era o curso da minha primeira opção quando tinha 17 anos e hoje, com a maturidade eu percebo mais ainda que foi a melhor escolha que eu fiz. Por conta de tudo que já fiz, penso que meu propósito de vida é cuidar, cuidar de pessoas. Isso me dá prazer e essa sou eu.

A minha viagem para Porto Seguro foi toda por conta de um voucher que tinha de uma empresa área. A ideia era usa no meu aniversário, que é em dezembro, e ir com várias pessoas que amo, mas não deu certo por conta da pandemia e eu entendo, não tinha nem o que falar. Todo mundo com muito medo, né?! No fim comentei da situação com uma amiga e acabei chamando ela. Ficamos 9 dias lá e essa foi minha primeira vez na Ba-hi-a! Nunca tinha ido pra Ba-hi-a! Nunca, nunca, nunca.

Fiquei encantada com o lugar, porque o clima era outro e eu sou ligada no 220 pela minha rotina, né?! Chegamos na pousada em Arraial era um

português, lá de Algarve, super receptivo e bacana. Até comente com minha amiga que parecia que conhecia ele faz um tempo. A localização era ótima, 100 metros da praia e 100 metros da Rua Mucugê. Encontrei a hospedagem em um site de busca e passamos todos os dias lá.

Aí nós fomos andar nessa Rua Mucugê, no dia que eu cheguei já fomos conhecer. Inclusive, tem uma foto de uma plaquinha. Já me encantei, afinal adoro essas frases e foi a primeira coisa que eu sentei no lugar. Quando fomos fazer os passeios também fiquei impressionada, a moça de uma agência ficou um tempão explicando pra gente o que era bacana de fazer e fechamos dois passeios com ela. Nossa! Acho que é extremamente diferente de São José do Rio Preto. Principalmente pela calma, pela alegria, para eles tudo está sempre tudo bem e nunca reclamam. Sempre há uma mensagem positiva no final. Aqui, pelo menos, a gente anda com tudo guardado a 7 chaves e com medo de roubo! Lá podia deixar o celular em cima da mesa que ninguém mexia! Claro que em Porto Seguro eles me orientaram, mas em Arraial era tranquilo. É um lugar colorido: das lojas, das coisas e das pessoas. E olha que conheci o outro lado de Arraial, que não é turístico. Arraial é dividido ao meio, né? Dos turistas e das pessoas que moram e trabalham com turismo. Esse outro lado é precário e simples. Isso me encantou, deles viverem e tratarem com simplicidade. É muito diferente de outros lugares. De todos os lugares que eu já fui, lá é um dos lugares que voltaria, sim. Afinal me senti em casa, me senti eu mesma, sabe?! Lá eu acordava e pensava que não queria ir embora. Até me deu uma angustia quando estava chegando no final da viagem, tipo, um aperto que nunca tinha sentido. Sou uma pessoa simples e que não precisa muito pra viver. E lá com certeza me mostrou isso também. Um dia dentro de um ônibus circular em que perdi a hora e o motorista esqueceu de mim, uma moça do lado começou a rir e disse: "Aaaahh, relaxa! Já tá na Bahia...". Depois de ouvir com aquele sotaque deles, que eu adoro, olhei pra ela e falei assim: "Realmente! Relaxa! Relaxa! E é isso! Relaxa!". Ali não quis ter o controle de nada, só deixei um dia de cada vez.

Agora, sobre as fotos, sempre usei o celular e tenho bastante cuidado com elas. Salvo na "nuvem", porque eu tenho receio de perder – inclusive já perdi uma outra vez de outro celular. No outro dia que chegamos fomos na praia e logo quando sentei, aí a primeira coisa que eu quis tirar foto foi da praia,

e por sinal, estava fria a água. Muito fria a água. E, é isso, alguma não representam o que foi ao vivo, sabe?! Olhei o sol e uns coqueiros e pensei: “Gente! Que que é isso?!” Tirei, mas pelo menos representa a simplicidade deles, né?! O sol, a praia... foi muito gostoso esse dia aí.

Uma das fotos tem do lugar que fiquei todos os dias. Uma tenda vermelha. O menino que atendeu a gente era muito querido, mas você vai ver foto de um pouco de coisas que me chamaram a atenção. Tem minha com minha amiga na balsa, tem de placas com mensagens, da fundação da igreja elos jesuítas, da própria igreja e do mirante que fica a atrás com as fitinhas. E, nossa, uma da igreja queria pôr em um quadro. Fiquei com minha amiga no dia 24 de dezembro escutando a missa. Nunca que fiz isso, mas isso me marcou muito, muito, muito.

As casinhas e as ruas coloridas são um charme também, né?! Isso me transmitia alegria e o aconchego deles, daí quis tirar foto também. As lojinhas... as pessoas... a rua toda de paralelepípedo! Meu Deus do céu! Não tem asfalto na cidade! A cidade inteira era assim!... E eu falo: “nossa, eu nunca fui num lugar que não tinha asfalto.

Tive muita sorte lá. Nem estava cheio. Enchei mais no dia 26 de dezembro com um monte de jovens sem máscara, mas antes era muita família e todo mundo de máscara. Você não via ninguém sem. Pensei: “tô indo embora no dia certo!”

Tenho muito carinho pela viagem e as fotos. Algumas até publiquei nas redes sociais, mas nunca fui de publica muito. Eu acho que pela minha geração também. Acho que é algo estou tentando mudar bastante, até pelo meu trabalho, sabe?! Sou muito crítica e nunca acho que a foto tá boa.

Enfim, acho que nada é por acaso, né?! Não programei nada lá, e foi acontecendo, sabe?! Quando voltei parecia que ainda estava em Arraial, estava mais tranquila, refletindo em questões de trabalho e tudo mais. Realmente vivi todos os dias. Eu vivi, nossa! É que é como se eu tivesse ali, sabe o aqui, agora?! Agora é meu momento de esquecer tudo lá fora. Saí do automático e essa vida louca nossa e olhei para as coisas simples: um cafezinho, um andar de chinelo, um “bom dia” para um desconhecido, um olhar para o céu e agradecer.

PRANCHA 18 (A5 / 3.4)

01 – A Igreja Nossa Senhora d’Ajuda é um dos principais pontos de visita e aparece nos registros imagéticos de muitos dos entrevistados.

02 – A sinalização da Rua Mucugê que faz menção a “rua mais charmosa do Brasil”.

03 – Vista do mirante que está logo atrás da igreja e permite ver o mar, assim como áreas verdes – a incluir um importante parque aquático da região.

04 – As mensagens e cores estão espalhadas até pelo chão em que pessoas se deslocam.

05 – A atmosfera é muita das vezes estimulada por comerciantes do local.

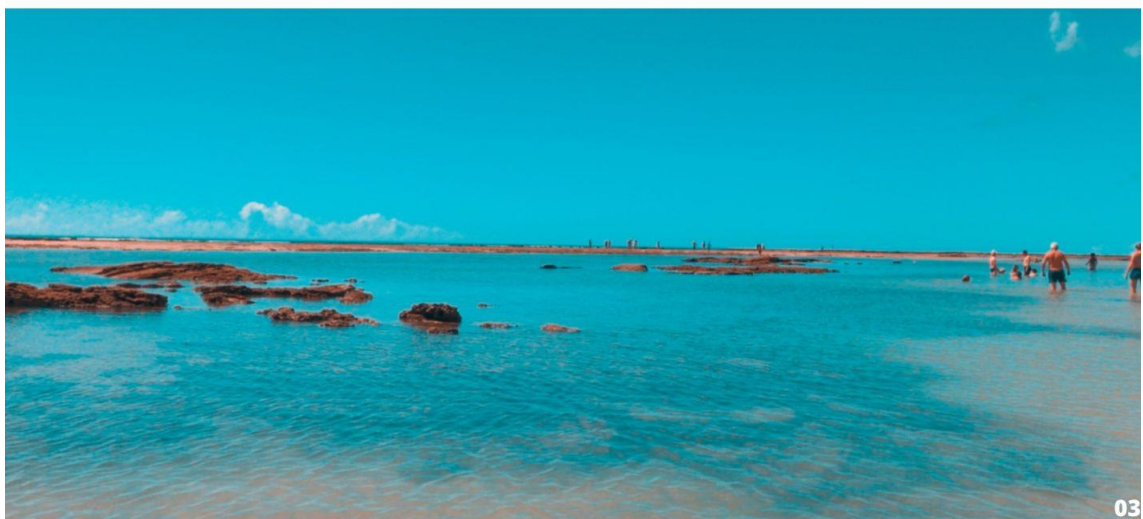
PRANCHA 19 (A5 / 3.5)

01 – Algumas imagens tratadas posteriormente contam com maior saturação para evidenciar a presença de diferentes cores.

02 – As falésias que ficam próximas do mar.

03 – Mesmo quando a praia está cheia, muitas imagens apresentam a valorização de elementos naturais do local e a baixa presença de pessoas.





AGENTE 6

Uma das principais formas que um viajante tem para colecionar memórias dentro da experiência moderna do turismo de massa são as fotografias. Se a ideia é trabalhar com o intuito de viajar, nossa representação – inclusive visual – talvez passe mais pela segunda questão do que pela primeira, mesmo que o tempo dedicado para as viagens seja menor do que o tempo trabalhado.

APRESENTAÇÃO DE AGENTE

Com cerca de 40 anos, trabalha para viajar, ou melhor, para colecionar momentos. Pedagoga com pós-graduação, atua como professora concursada na cidade de São Paulo e reside em Taboão da Serra/SP. Foi sozinha para Porto Seguro em janeiro de 2021 no começo de suas férias por aproximadamente 20 dias.

NARRATIVA

Eu acho que trabalho pra pagar viagem. E viajo... pra, sabe?! Pra ter histórias... acho que é isso. Coleciono momentos! Nasci em São Paulo/SP, morei um tempo no interior, mas hoje moro em Taboão da Serra/SP e sou funcionária pública na área educacional pela prefeitura de São Paulo/SP... fiz Pedagogia e trabalho com educação infantil.

Então, essa viagem de janeiro de 2020 foi a minha primeira vez em Porto Seguro/BA. Eu fui sozinha... aí a minha viagem se dividiu em vários lugares e diferentes hospedagens e, tipo, fiquei uma parte em Arraial d'Ajuda. No total foram 20 dias e nessa divisão passei uns cinco em cada lugar. Lá em Arraial, fiquei em uma pousada bem ali perto daquela Rua Mucugê, perto do Mirante. Como vou sozinha a localização me ajuda muito, por conta de ir e vir, dos lugares e dos movimentos. Então eu sempre procuro escolher, mais ou menos, assim, né?! Geralmente quando eu viajo, eu fico em hostel. Dessa vez eu peguei mais pousada por causa do Covid. E, nossa, que graça os dois “sonhorzinhos” donos da pousada. Ambiente simples e o homem o tempo todo fazendo símbolo de paz e amor. Acho que o pessoal lá é bem receptivo. Tem

um outro caso que, nossa, o moço da van me emprestou dinheiro e disse pra eu pegar o contato e pagar depois. Imagina isso em São Paulo: você que lute! As pessoas são muito solícitas pra te ajudar. Já fui pra Florianópolis/SC, mas mesmo assim você percebe que é diferente o trato. Na Bahia a pegada é, tipo, relaxa, calma.

Não vou dizer assim: “Ah, eu só quero viajar sozinha”, mas como nem sempre dá pra conciliar eu não deixo de ir por falta de companhia, entendeu?! Aí eu vou. A gente vai criando experiência, eu acho que viajar sozinha é muita responsabilidade, pelo menos pra mim é muito de atenção, você estar se cuidando, não tem ninguém lá por você... tanto no seu financeiro, quando você tá com outras pessoas... acaba o seu dinheiro, quem faz o seu, entendeu?! É você por você mesmo... então é uma coisa muito “daora”. Apreendi a gostar muito. Isso ajuda no planejamento também. Não sou metódica. Sempre sei o que eu vou fazer, baseado nos meus gostos e, assim, nas coisas que eu tenho interesse, e aí eu meio que vou flexibilizando, porque quando a gente chega no lugar é um pouco diferente do que a gente pensa, entendeu? Mas não gosto de chegar no lugar e, tipo, ficar perdida. Então a viagem começa até antes, pensar no que fazer, mas também, como sou ansiosa, acabo pensando até na roupa que eu vou, no tipo da bagagem, peso...

Daí, sobre a viagem, pra Porto acabei indo de avião e usei bastante aplicativo de carro, porque compensa bastante pelo preço, mas em Arraial tem muitas vans, né?! E funcionou super bem. Como eu peguei uma localização boa, alguns lugares eu ia a pé, pro parque eu fui a pé, pra praia do mucugê eu fui a pé, pro mirante fui a pé – nossa, adoro mirantes e sempre ia lá olhar e tirar fotos – e o restante ia fazendo de van. Ah, eu sou assim, se for em um lugar que gosto mesmo que seja todo dia, penso: “ah, tirar uma foto”. Até porque eu gosto de bater 500 fotos em vários lugares. Se eu for embora e não fizer isso, eu vou chorar... Então eu faço 500 fotos pra depois ficar livre. A fotografia, pra mim, é muito importante, tipo, uma lembrança. Eu tenho muito isso, de depois ficar olhando as viagens que eu fiz e dá aquela saudade, aquele negócio de que porque essa viagem, pra mim, foi uma viagem bem feita, sabe?! Mas lá no mirante, por exemplo, amarrei uma fitinha também. De alguma forma tô lá, né?! Pô, muito lindo as fitinhas e o visual. Mas vou te falar que o que foi mais especial pra mim em Arraial foi o voo de parapente. Você vai correndo, sua

perna vai ficando no ar e aí na hora que eu vi... Meu! Dá uma emoção, você vê aquela imensidão do mar e só agradece por estar naquele lugar. Lindo demais! Voo maravilhoso!

E, claro, tenho fotos disso, né?! Não podia perder. Você consegue ver de outras coisas lá de Arraial d'Ajuda também – que eu mesma fiz ou outras pedi pra tirarem de mim. Tem a parte daquela Rua Mucugê com várias plaquinhas, lugares para comer e lojinhas. Ah, tem muitas plaquinhas pra tirar foto com aqueles dizeres, assim, tipo *blogueirinha*, sabe?! Tem das praias, da igrejinha – que é um cartão postal – e até da pousada. Uma das minhas fotos preferidas é das falésias, aí, tipo, parece que dá pra relaxar no ar e você consegue ver o mar lá embaixo. Uma outra que amei também foi de uma senhorinha que fez. Não estava dando nada pra ela por ser senhorinha, mas quando vi, falei: “surreal adorei”. É nas falésias e tô tipo distraída, assim, nossa!

Isso tudo foi muito importante pra mim. Foi uma das minhas primeiras viagens por conta da quarentena. Até fiz o teste do Covid quando voltei pra ficar em paz tudo mais, afinal você excede um pouco e dá um pouco de medo. Eu estava precisando mesmo e voltei renovada, assim, 10! Eu gosto muito de sair, sabe? E ficar para não é fácil, então eu voltei mais alegre, mais feliz, e viajar renova a gente, né? Eu acredito muito nisso, mesmo que seja inexplicável, porque é diferente entre o falar e o viver. Ainda mais por conta do Covid que fez a gente olhar diferente para as coisas e até comigo mesma. São histórias que a gente coleciona e hoje, por exemplo, posso até ver nas minhas redes sociais nas publicações ou outras seções, entendeu?!

PRANCHA 20 (A6 / 3.1*)

01 – O *selfie* utilizado para mostrar como a viagem está sendo aproveitada.

02 – Algumas fitas coloridas são amarradas no mirante e outras levada como *souvenirs*.

03 e 04 – Instalações de hospedagens.

PRANCHA 21 (A6 / 3.4*)

01, 03, 04, 06 e 08 – As diferentes imagens mostram perspectivas diferentes do mirante de Arraial d'Ajuda.

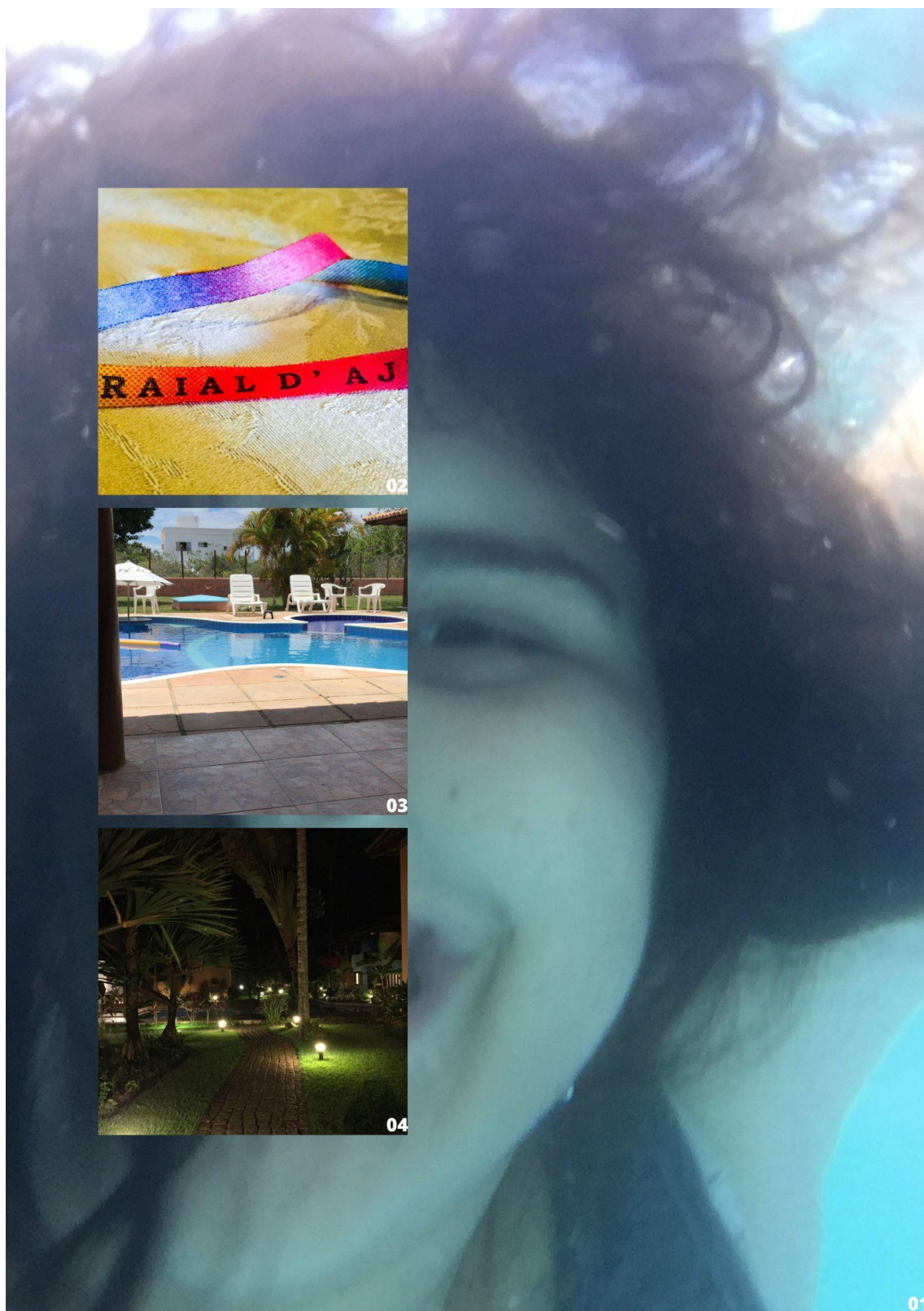
02 e 05 – Algumas imagens disponibilizadas pelos agentes entrevistados foram publicadas em redes sociais. Isso justifica a presença de frases e é mais um elemento para avaliar os usos e a importância que as imagens produzidas têm para determinados turistas.

07 – Beco das Cores é mais um dos lugares construídos para recepção de turistas.

09 – Placa da Rua Mucugê iluminada no período noturno.

PRANCHA 22 (A6 / 3.5)

01, 02, 03, 04, 06, 07, 08e 09 – Todas as imagens evidenciam as praias e são diferentes entre si.







AGENTE 7

Lazer como lazer ou como trabalho? As viagens podem ser de várias ordens e nem sempre são viagens de lazer, mas quando são favorecem experiências específicas. Além disso, pensar e visitar constantemente lugares diferentes é um indicio sobre a busca por outras experiências e como um ponto de residência atende ou não demandas pessoais.

APRESENTAÇÃO DE AGENTE

Uma pessoa que viaja: para lugares e com o pensamento. Com cerca de 32 anos é formada em Turismo em São José do Rio Preto/SP e reside na mesma cidade apesar da pouca identificação com o lugar. Alguém que atende pessoas e por conta da formação e trabalho como comissária de bordo passou por Porto Seguro/BA diversas vezes, mas nunca com tempo para lazer. Após pegar um dinheiro do trabalho que saiu em 2016, fez uma viagem para Porto Seguro/BA, passando apenas uma noite em Arraial d'Ajuda e fazendo uma única foto do lugar.

NARRATIVA

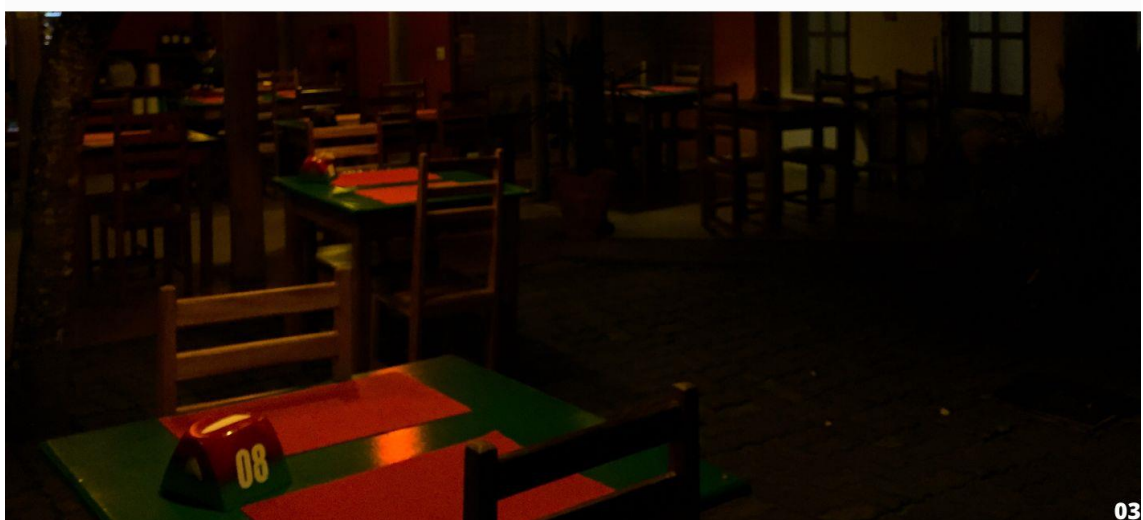
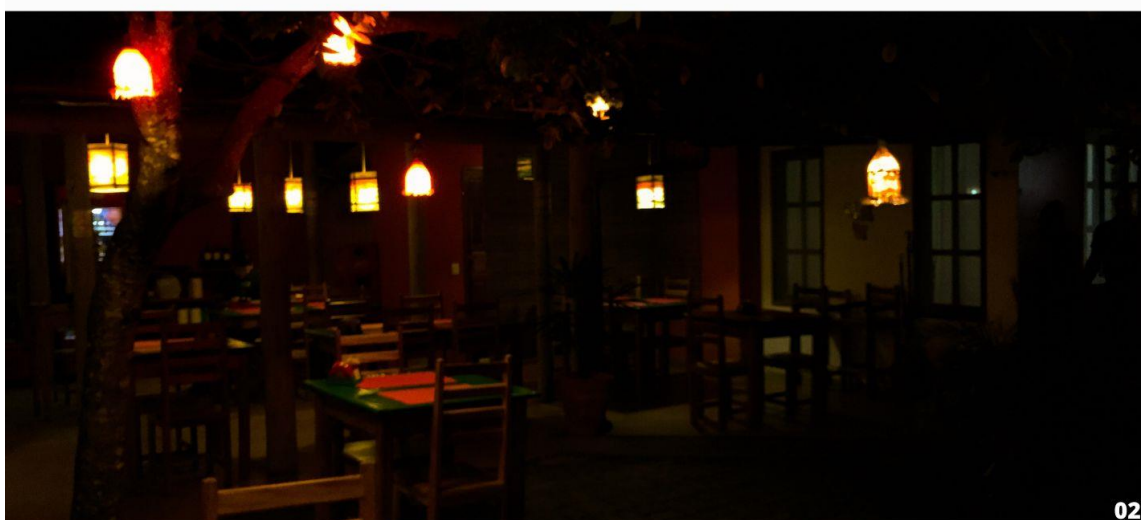
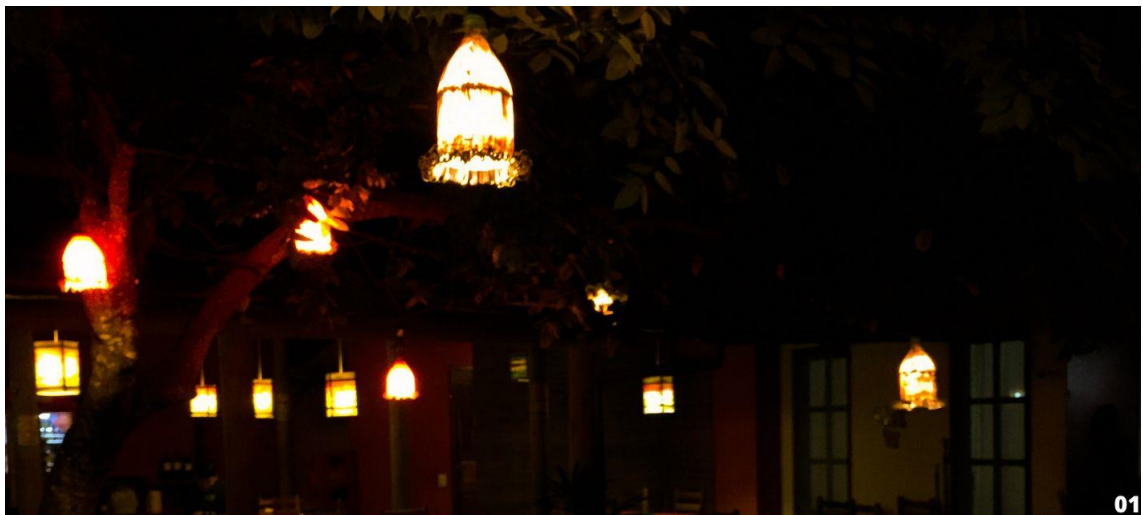
Eu sou graduada em Turismo. Eu me formei em turismo em Rio Preto, em 2010. E aí eu fiz curso de comissária de bordo e aí, depois, entrei na viação e voei como comissária durante uns 5 anos. E aí nesse tempo, assim, eu sempre gostei muito de me comunicar e eu sempre, na vida, fui a pessoa... tipo, que atua com atendimento ao cliente, então, assim, se você me perguntar eu já fui, assim, tudo... de comissária a recepcionista de hotel, bartender... tudo mais. Eu nasci em Rio Preto, mas nunca gostei daqui. Já morei em vários lugares, pra você entender a logística: morei em São Paulo durante um tempo como comissária, aí eu fui mandada embora por um corte de... eles precisavam reduzir a quantidade de funcionários por conta de custo. Aí eu fui fazer um intercâmbio de 1 mês no Canadá e voltei. Quando eu voltei eu fiz uma seleção pra outra empresa área, daí eu fui comissária durante 6 meses e então morei em Dubai. Quando voltei pro Brasil a antiga empresa me chamou de volta, voltei e morei em vários lugares do Brasil até voltar para São Paulo como recepcionista de hotel e, enfim, retornar nessa área em Rio Preto.

Sempre que fui pra Porto Seguro/BA a trabalho eu só fiquei em Porto Seguro por conta do tempo, mas, assim, quando eu saí, da última vez, da viação eu peguei o dinheiro que recebi e fiz uma viagem. Tipo, essa, na vida, sou eu. Assim fui parar 1 dia em Arraial, porque a maior parte do tempo fiquei em Caraíva. Aí na volta de Caraíva tinha um casal que dividiu um táxi pra Arraial comigo. Fiquei lá uma noite, porque tinha um voo no dia seguinte, de volta pra São Paulo/SP. Eu jantei e dei uma volta no centro e tirei uma foto de um restaurante, que foi no lugar que jantei. Mas, tipo, foi muito massa, porque eu fiquei numa pousada de um italiano, que é super gracinha, e eu queria muito lembrar, porque se um dia eu voltar, certamente ficaria lá.

Eu gosto bastante de tirar foto dos lugares e de lugares que eu acho que me fizeram sentir alguma coisa. Muitas vezes eu gosto de publicar, para ter guardado como recordação e para as outras pessoas às vezes verem, porque se nós 2 tirarmos uma foto, cada um vai ter um olhar diferente, porque o que faz a foto é a pessoa que tá por trás, então. Mas, assim, hoje em dia às vezes eu aproveito muito mais o momento do que, em si, tiro a foto. Ah, também não sou muito apegada como eu guardo as imagens. Não salvo nada em nuvem e as que mais gosto estão no meu perfil da rede social. Se um dia perder minha conta, perco as fotos, mas também, penso que não será um grande problema. Bom, sobre a viagem, acho que tirei um peso enorme das minhas costas e acabei deixando uma saudade por querer voltar. E, assim, fico também com o sentimento de estar com a melhor companhia que poderia ter naquela viagem: eu. Não quero perder isso de ficar bem comigo.

PRANCHA 23 (A7 / 3.3)

01, 02 e 03 – As *cropagens* derivam de um único clique. Há aqui uma tentativa de evidenciar diferentes elementos de uma mesma imagem. No caso, um restaurante de Arraial d'Ajuda.



CONSIDERAÇÃO FINAIS

Diante de 7 entrevistas – com turistas em uma faixa etária próxima dos 30 anos em que todos possuem uma atividade laboral formal – e de um acervo de 1.379 imagens – em que uma pessoa não conseguiu disponibilizar suas imagens e uma outra enviou uma imagem – o trabalho buscou uma articulação entre etnografia e as pranchas visuais que criam uma correspondência de reflexão entre o que Benjamin (2011b) denomina de imagens de pensamento e Samain (2012) reflete em torno de como pensam as imagens na medida em que os relatos e as pranchas constroem narrativas visuais que contribuem nos questionamentos de que tipo de experiência o turista paulista constrói por suas imagens e tencionam com a compreensão de que as imagens atuem apenas como ilustrações, uma vez que os relatos dos entrevistados não correspondem com imagens utilizadas dos mesmos entrevistados para realização das pranchas.

Há um elemento ético importante que precisa ainda ser reforçado em torno do que Fonseca (2018) responsabiliza como o que entra ou não na pesquisa. Assim, distante do “risco zero” em torno de uma produção ética, há a intenção de assumir a responsabilidade da autoridade etnográfica que atravessa a pesquisa em diferentes momentos. Mas para o caso específico, destaco a produção das narrativas e pranchas que lidam com materiais fornecidos pelos entrevistados. Isto é, as montagens e articulações não descaracterizam o fato de que algo foi feito anteriormente por outros agentes, contudo no sentido de preservar o anonimato corro o risco de uma associação de que as narrativas ou pranchas sejam atribuídas a mim – muito pelo contrário, há de evidenciar que há muitas outras mãos, falas e câmeras envolvidas aqui. De qualquer forma, é assim, então, que as presenças e ausências do que aparece nas falas e nas imagens permitiu a organização das pranchas por agências e eixos temáticos – como já explicado. Sobre o uso da fotografia e a construção do olhar do turista (Urry, 2001, p. 186-187):

A fotografia, portanto, está intimamente ligada ao olhar do turista. As imagens fotográficas organizam nossas expectativas ou nossos devaneios sobre os lugares que poderíamos

contemplar. Quando estamos viajando, registramos imagens daquilo que contemplamos. Escolhemos parcialmente para onde ir, a fim de capturar as imagens em um filme. A obtenção de imagens fotográficas organiza em parte nossas experiências enquanto turistas. Nossas recordações dos lugares onde estivemos são estruturadas em grande medida através das imagens fotográficas e o texto, sobretudo verbal, que tecemos em torno dessas imagens quando as mostramos para os outros. Assim, o olhar do turista envolve irredutivelmente a rápida circulação das imagens fotográficas.

O olhar do turista e a sua associação com as fotografias, por sua vez, atravessa novas percepções visuais que é possível por conta da popularização da fotografia desde o final do século XIX e apontam uma maneira socialmente construída de ver, ser visto, e registrar e ser registrado.

Se o turista está diretamente ligado a concepção de homem moderno e a maneira como tal deslocamento pelos lugares, a narrativa desse agente permite pensar uma tensão constante entre uma experiência do comum para uma grande quantidade de pessoas ao mesmo tempo em que há em diferentes momentos a negação da ideia de uma massa homogênea. Sobre isso, o turista possui consciência de sua condição enquanto tal e o que ocorre dentro de um palco, muitas vezes, preparado para a sua recepção e que sua experiência depende do repertório criado num deslocamento permanente entre ponto de partida e ponto de chegada na medida em que a narrativa visual expressa integrações e segregações a partir do que é – ou não – pautado para registro, assim como a construção do como – ou não – essa abordagem é construída e articulada enquanto uma viagem em que será denominada como feita e, também, vivida. Rufino (2006) salienta que o sujeito assume sua consciência de que tudo é espetáculo e, nesse sentido, o ver e o ser visto assumem um ponto central já que também apontam e indiciam para circulações e interações que ocorrem – ou não – durante uma viagem – a considerar outros turistas e, sobretudo, populações locais.

Considerando a relação ponto de partida – deslocamento – ponto de chegada, não há algum agente capaz de fugir de si. E, assim, seu cotidiano é também atravessado no contraste entre ordinário e extraordinário. Se em

algum momento já se especulou que o aumento do tempo livre podia garantir uma maior participação de pessoas em atividades sócio-políticas é preciso entender que o lazer em muitas viagens do gênero cria a possibilidade do entretenimento no sentido de um tempo que atende para o gozo de demandas individuais.

Bibliografia

AMORIM, R.; OLIVEIRA, R. *Zoneamento ambiental, subsídio ao planejamento no uso e ocupação das terras da costa do descobrimento* environmental zoning as subsidy to the planning in the use and occupation of the lands placed along the so-called Costa do Descobrimento. Mercator (Fortaleza Online), v. 12, p. 211-231, 2013.

ALVES, A. e SAMAIN, E. 2004. *Os argonautas do mangue precedido de Balinese character (re)visitado*. Campinas: Editora Unicamp/ São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 240 pp.

APPADURAI, A. Mercadorias e a política de valor. In: _____. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008. Introdução. p. 15-88.

AQUINO, L. A. *Picture Ahead: A Kodak e a construção de um turista-fotógrafo*. 2014. 234 f. Tese de Doutorado em Artes Visuais – Instituto de Artes, Universidade de Campinas, Campinas, 2014.

BARBOSA, L. Feijão com arroz e arroz com feijão: O Brasil no prato dos brasileiros. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 87-116, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a05v1328.pdf>. Acesso em: mar. 2018.

BARTHES, R. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAXANDALL, Michael. *O olhar Renascente*. São Paulo: Paz e Terra, [1972] 1991. Prefácio, Parte I: "As Condições do Mercado", Parte II: "O Olhar da época".

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Obras escolhidas*. Trad. R. Rodrigues Torres Filho e J. C. Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2011b. v. 3.

_____. *Passagens*. São Paulo: Imprensa Oficial; Belo Horizonte. Editora UFMG, 2006

BRAGA, A. M. da C. Entre o Piauí e São Paulo: dádiva, ser parente e reciprocidade entre migrantes do sudoeste piauiense, Brasil. In: BAENINGER, R.; DEDECCA, C. S. (Org.). *Processos Migratórios no Estado de São Paulo: estudos temáticos*. Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, 2013, p.309-324.

BRAMBATTI, L. E. O turismo como mercadoria no capitalismo avançado: uma análise conceitual. Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo, 12. ed, 2015. *Anais do Seminário da ANPTUR*.

Disponível em < http://www.anptur.org.br/anptur/anais/v.11/DFP1_pdf/43.pdf>. Acesso em: mar. 2017.

BOUDREAULT-FORNIER, A.; HIKIJI, R. S. G.; CAIUBY NOVAES, S. Etnoficção: uma ponte entre fronteiras. In: *A experiência da imagem na etnografia*[S.l: s.n.], 2016.

CLARK, T. J. *Modernismos*. São Paulo, Cosac & Naify, 2007. “A pintura do ano I”.

DataReportal (2021), “Digital 2021 Brazil,” Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2021-brazil>>. Acesso em: 01/07/2021.

DIDI-HUBERMAN, G. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013a. Parte III: A imagem-sintoma: fósseis em movimento e montagens de memória; p. 241-431.

DIDI-HUBERMAN, G. Cascas. *Revista Serrote*, no. 13, p. 98-133, 2013b.

_____. Quando as imagens tocam o real. *Pós: Belo Horizonte*, v.2, n.4, p. 204-219, 2012.

DUBOIS, P. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus, 1993.

DUMAZEDIER, J. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

Entrevista: Philippe Dubois e a elasticidade temporal das imagens contemporâneas. *Zum: Revista de fotografia*, São Paulo, 2018. Não paginado. Disponível em: <<https://revistazum.com.br/entrevistas/entrevista-philippe-dubois/>>. Acesso em: jun. 2018.

ENZENSBERGER, H. M. *Com raiva e paciência*. Ensaios sobre literatura, política e colonialismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FAVRET-SAADA, J. “*Ser afetado*”. Trad. Paula de Siqueira Lopes. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161, 2005 [1990]. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/3476/serafetado.pdf?seq=ue>. Acesso em: jan. 2022.

FELDMAN, I. Imagens apesar de tudo: problemas e polêmicas em torno da representação, de Shoah a O filho de Saul. *ARS*, v.14, n.28, São Paulo, 2016.

FLUSSER, V. *Ensaio sobre a Fotografia: Para uma filosofia da técnica*. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 1998.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS. Pesquisa de Caracterização do Turismo Receptivo no Estado da Bahia, São Paulo, 2015. 63

f.. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/turismobahia/pesquisa-de-caracterizacao-do-turismo-receptivo-bahia-2014>>. Acesso em: fev. 2018.

FONSECA, C. *Pesquisa 'risco zero': é desejável? É possível?*. In: GROSSI, Miriam P.; SCHWADE, E.; MELLO, A. G. de; SALA, A. (org.). Trabalho de Campo, Ética e Subjetividade. Florianópolis, Tribo da Ilha, 2018.

FONTCUBERTA, J. *A câmera de pandora. A fotografi@ depois da fotografia*. São Paulo: Editora G; Gilli, 2012.

FONTENELLE, I. A. Ilusões de Modernidade: o fetiche da marca Mc Donald's no Brasil. *Psicologia & Sociedade*, v. 18, n. 2, 2006, p. 38-46.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo, Martins Fontes, [1966] 2007. Capítulo 1: "Las meninas".

GRABURN, N. *Tourism: The Sacred Journey*. In: SMITH, Valene L. Introduction. Hosts and guests: the anthropology of tourism. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1989, p.15-32.

HALL, S. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: _____. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 25-50.

Instituto QualiBest (2019), "QualiBest Redes Sociais 2019" Disponível em: <https://www.institutoqualibest.com/wp-content/uploads/2019/09/QualiBest_Redes_Sociais-2019.pdf>. Acesso em: 01/07/2021.

JOHNSTON, Matthew. *Narrating the Landscape*. Norman, The University of Oklahoma Press, 2016.

KRIPPENDORF, J. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph, 2009.

LACOMBE, M. S. M. *Os fundamentos marxistas de uma sociologia do cotidiano*. Outubro, 17. ed., n. 5, p. 145-172, 2008. Disponível em: <<http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-17-Artigo-05.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

LEFEBVRE, H. Filosofia e conhecimento do cotidiano. In: _____. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991. p. 23-40.

LÉVI-STRAUSS, C. *O totemismo hoje*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2003.

LOPES JÚNIOR, E.. *População e meio ambiente nas paisagens da urbanização turística do Nordeste: o caso de Natal*. In: TORRES, H.; COSTA H. (Orgs.). População e meio ambiente: debates e desafios. São Paulo: Ed. Senac, 2000.

MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular: introdução à fotografia*. São Paulo: Brasiliense/FUNARTE/Instituto Nacional de Fotografia, 1984.

MAFFESOLI, M. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MALINOWSKI, B. “Prefácio”, “Prólogo” e “Introdução”. In: _____. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo, Coleção os Pensadores, 1984 [1922], p. 1-34.

MARTINS, J. S. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2013.

MARTINS, L. *O Rio de Janeiro dos Viajantes - O Olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Nascimento, C. M. P. *O impacto do turismo no meio ambiente: o empreendimento Tucuruí Ecoresort Arraial d’Ajuda-Trancoso/BA*. In: ROCHA, L.; PINTO, G. R. R.; NUNES, L. S. (Coord.). *Caderno de pós-graduação em direito: novas tendências do direito ambiental*. Brasília: UniCEUB: ICPD, 2016, p. 99-121. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/8957>> Acesso em: jan. 2022.

OBSERVATÓRIO DE TURISMO DA BAHIA. Principais destinos, 2011. Não paginado. Disponível em: <<https://observatorio.turismo.ba.gov.br/principais-destinos/>>. Acesso em: fev. 2018.

_____. Pesquisa de caracterização do turismo receptivo no estado da bahia, 2015. 63 f.. Disponível em: <<http://www.observatorio.turismo.ba.gov.br/pesquisas/receptivo/#page-content>>. Acesso em: jul. 2020.

OLIVEIRA, R. de. Bahia é eleita melhor estado turístico em pesquisa Datafolha; Chapada Diamantina, Porto Seguro e Salvador são destaques. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 25 mai. 2019. Viaja sãopaulo. Disponível em: <<http://folha.com/no1987945>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

ORTNER, S. B. “Conferências de Sherry B. Ortner” e “Uma atualização da teoria da prática”. In: Grossi, M. P.; Eckert, C.; FRY, P. H. (Org.) *Reunião Brasileira de Antropologia (2ª: Goiânia: 2006). Conferências e práticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra, 2007, p. 19-44.

PADILHA, V. *Shopping Center: a catedral das mercadorias*. São Paulo: Boitempo, 2006. p.143-186.

PAVEZ, T. R. *Crime, Trabalho e Política: um estudo de caso entre jovens da periferia de São Paulo*. 2015. 303f. Tese de Doutorado em Ciência Política – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PRATT, M. *Os olhos do Império*. Bauru: Edusc, 1999.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. Apresentação. In: _____. *A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas*. 1a. ed. Brasília: ABA Publicações, 2015, p. 11-18.

_____. 'Nunca em anexo!' Pesquisa, ensino e escrita com imagens em Antropologia Audiovisual. *Revista TRAMA*, v. 11, p. 11-34, 2020.

SAMAIN, E. (org.). 2012. *Como pensam as imagens*. Campinas: Editora da Unicamp.

SCHWARCZ, L. Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais. *Sociol. Antropol.* 2014, vol.4, n.2, pp.391-431.

SEMEÃO, L. de A. *A igreja e a fonte de Nossa Senhora d'Ajuda de Porto Seguro (1551-1761)*. In: ANPUH, 2019, Recife-PE. Anais eletrônicos 30º Simpósio Nacional de História. Disponível em: <[https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553970909_ARQUIVO_AigrejaefontedeNossaSenhoradAjudadePortoSeguro\(1551-1761\).pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553970909_ARQUIVO_AigrejaefontedeNossaSenhoradAjudadePortoSeguro(1551-1761).pdf)>. Acesso em: jan. 2022.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

SONTAG, S. *Sobre fotografia*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, A. Arraial d'Ajuda mescla história do Brasil e ecologia. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 03 dez. 2009. Turismo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx0312200901.htm>>. Acesso em: jan. 2022.

TAUSSIG, M. *I swear I saw this: drawings in fieldwork notebooks, namely my own*. Chicago: Univ. Press, 2011.

TRAJANO FILHO. Introdução. In: _____. *Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional*. 2. Ed. Brasília: ABA Publicações, 2012, p 7-26.

VELHO, Gilberto e MACHADO, Luiz Antônio. *Organização social no meio urbano*. Anuário Antropológico/76, p.71-81, 1977.

ZUCCO, F D.; ANJOS, S. J. dos, BERTOLI, B. O #riodejaneiro pelo Instagram. In: Seminário Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 13., 2016, São Paulo. *Anais do Seminário da ANPTUR*, São Paulo, 2016.